This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
B 3 786 645

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

Самонеина — 11-2

BIBLIOTHECA ESCOLAR

CAMONEANA BRAZILEIRA

HOMENAGEM A CAMÕES

NO TRICENTENARIO DE SUA MORTE

PELO

Menezes e Souza, João Cardoso de,
BARÃO DE PARANAPIACABA

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1886

LOAN STACK

PQ 9207
M4
1886

Ao notabilissimo Estadista,
ao orador conciso e fluente, ao amigo sempre igual
e de nunca desmentida lealdade

Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira

Offerece
em testemunho de apreço e amizade

O Autor.

2854

PROLOGO

Em palestra litteraria, realizada pelos fins do anno passado numa das salas do Externato de Pedro II, tive occasião de lêr, na Augusta Presença de Sua Magestade o Imperador e ao lado de alguns distinctos confrades em lettras, a « Homenagem a Camões » que, a instancias de meu amigo o Sr. Balduino José Coelho, escrevera e imprimira, por occasião do tricentenario da morte de Camões.

De pessoas competentes merecera essa composição lisonjeiro acolhimento; um notavel poeta, severo nas exigencias da fórma e da metrificação, o Sr. Dr. Rozendo Moniz Barreto, tecera-lhe até encomios que, menos á justiça do que á generosidade, devem origem.

A este ultimo sentimento attribuo tambem os applausos, que me interromperam durante a leitura, a que me referi, e que se tornaram unanimes, ao terminal-a.

Juizo, sobre todos respeitavel e autorizado, por causa do alto criterio de que sempre é expressão, notou no opusculo duas lacunas :— a do sonho de D. Manuel e a do episodio dos doze de Inglaterra.

Pouco tempo depois, procedia eu, ante o mesmo auditorio, á recitação dos dois novos trechos, que no poemeto inserira e que foram recebidos com igual benevolencia. Entendeu-se então que esse trabalho estava no caso de ser adoptado nas escolas de instrucção primaria.

Animado por votos de tão grande peso, refundi e limei o poemeto, corrigindo-lhe imperfeições e expurgando-o de erros; fiz preceder cada canto de um argumento, que resume o assumpto do canto correspondente nos *Lusiadas*, e illustrei o texto com varias notas.

Avultam, entre essas notas, as que tratam da Historia de Portugal, cuja verdade procurei restabelecer nos pontos, em que della se desviou o grande epico lusitano.

Tentei fixar o criterio historico, ainda incubado, e em embryão nas entranhas da philosophia da Historia, ao tempo em que viveu Camões.

Recorri, para esse fim, ás opiniões de Alexandre Herculano, do venerando Sr. Conselheiro Vialle e do incansavel e fecundissimo Sr. Conselheiro Pinheiro Chagas, tres gloriosos escriptores portuguezes — dois dos quaes,

com serem Presente, já são Posteridade, pois fizeram emmudecer, por seu merito transcendente, a inveja e a injustiça — e o terceiro, já de ha muito erguido ao pedestal, que lhe estava reservado no Pantheon do Genio, e honrado com a consagração da justiça posthuma.

Ha tambem notas explicativas da mythologia. Deuses e heróes do Paganismo — creações da brilhante e opulenta imaginação hellenica e que vivem na tradição, desfilam ante o leitor, á luz da mythologia comparada, segundo as explicações de Presler, de Otfried Müller e de P. Decharme na sua « Mythologia da Grecia antiga ». Essas notas dão a chave racional dos mythos, habilitando assim os leitores, principalmente a infancia e a mocidade, a conhecer sua verdadeira significação — a de actos inconscientes e necessarios, pelos quaes o espirito humano, ainda incapaz de abstracção, tudo encarava sob fórma concreta e viva.

E' preciso, no conceito de Decharme, que os leitores se convençam de que a mythologia e a religião dos Gregos, apezar de terem vivido juntas, são na realidade duas cousas distinctas, muitas vezes contradictorias, e que devem ser consideradas separadamente; que os factos mythologicos houveram berço na imaginação popular, tendo, em seu nascimento, razoavel explicação. O bom senso natural dos Gregos recusava-se a

reconhecer nos objectos de sua adoração deuses ebrios, assassinos e adulteros, affirmando, pelo orgão de Euripides, que « si os deuses praticam o mal, não são deuses». Jupiter nunca foi invocado para justificar o adulterio, e sim como protector do direito e vingador do crime. Os deuses exprimem na Grecia, como em outras partes, a personificação das forças da natureza, a vida, a variedade, a perpetuidade dos phenomenos naturaes.

A raça hellenica, que possuia em gráu supremo o sentimento do bello artistico, não podia conceber esses deuses como simples creações abstractas. Deu-lhes, por isso, caracter anthropomorphico, isto é, figurou com fórma humana todas as multiplas divindades, que symbolizavam os phenomenos, por seus olhos apreciados. Essas figuras revestiram as feições da raça hellenica — ideial da esthetica.

Sinto que nas dimensões deste livrinho não caiba a interpretação de toda a mythologia. No prologo e nas notas da versão portugueza das « Fabulas de La Fontaine », já no prélo, dou maior desenvolvimento a este assumpto, novo entre nós e de incalculavel alcance para a instrucção popular.

Tambem por falta de espaço não offereço aos leitores uma «Vida de Camões», seguida da apreciação critica de sua immortal epopéa. Com esse augmento de materia

ficaria este opusculo por demais volumoso, o que lhe faria avultar o preço, difficultando sua acquisição pelos escolares.

....

Antes que a porção de materia cosmica, de que se formou o nosso globo, destacada da massa geral por effeito de velocissimo movimento de rotação, se resfriasse, ficando habitavel, era, na phrase do *Genesis*, *levado sobre as aguas o espirito de Deus*. Este espirito é o sôpro, que vivifica toda a natureza e derrama no universo alma e vida; é o fóco pujante, intenso e fecundador, donde irradiam para todos os seres os germens da formação; é a fonte inexhaurivel da força perpetua, renascente e reproductiva. O alento divino, depois de haver bafejado a face do universo, enchendo de vida o espaço hiante e vasio, harmonizando os elementos discordes, e imprimindo impulso animador nas myriades de seres, que delle brotaram, espirou mais energico na face do homem, infundindo-lhe o raio da intelligencia. Ao rei da creação concedeu o Omnipotente a noção do Increado, sem que, no emtanto, consentisse que chegasse á comprehensão delle; deu-lhe a aspiração ao Infinito e inspirou-lhe o sentimento da immortalidade; deu-lhe que arrancasse á natureza o véo, em que esta occultava seus segredos; que lhe dirigisse as forças; que descobrisse successivamente novas verdades; forçando, porém, o

pensamento a estacar quando, tentando devassar certos mysterios, julgasse approximar-se da verdade suprema.

Os que fazem conquistas sobre os arcanos da natureza; os que enriquecem a sciencia com importantes descobrimentos, que representam grande somma de beneficios; os que, com peregrinas producções do engenho, commovem as almas, sequiosas de ouvir o verbo divino, de que a poesia é a revelação; os que descrevem o bello e o sublime em linguagem cadente e harmoniosa, ideialisando nella a virtude, glorificando os generosos sentimentos, excitando os homens a imitar as nobres acções; os que extrahem do coração thesouros de sensibilidade e de gosos purissimos para os derramar nos corações dos outros, perpetuando seus cantos pelas idades, como écos dos concertos celestes, e causando á admiração da humanidade, de quem os poetas, na phrase de Lamartine, são a voz — todos esses, augmentando o patrimonio commum, são creaturas privilegiadas, dilectas da Providencia, e por esta enviadas á terra com a missão de marcar assignalada época na marcha do genero humano para seu destino final; são a manifestação mais sublime do poder da Divindade; são apostolos da verdade soberana, em cuja pesquisa trabalham, sem repouso, como instrumentos dos planos do Creador.

Concentra a natureza suas forças em largo descanso para poder produzir um desses homens extraordinarios, que têm de imprimir direcção ao espirito de um seculo e fazer a humanidade adiantar, em poucos annos, muitas secções do estadio, em que caminha para Deus. E' que o Supremo Ordenador prepara, de antemão, sua obra e aperfeiçôa complacente o molde, em que vai fundir o obreiro da civilisação, a quem concederá grande numero de faculdades poderosas e no mais perfeito equilibrio, compativel com a condição mortal.

Foi assim creado o alto espirito, que na vida se chamou Luiz de Camões.

Camões é a grande figura de Portugal, representando, através das éras, a gloria dessa nação heroica, que de tantas e tão brilhantes paginas enriqueceu os annaes da humanidade. Nas estancias de seu immortal poema vibra a alma da patria, em cujo encendrado amor se abrasava. Os cantos de Tyrteu electrisavam os Lacedemonios, gerando nelles delirante enthusiasmo, que os impellia como catapultas animadas contra as portas e muralhas de Ithome; o hymno estrugidor de Rouget de L'Isle, em que rugiam trovejantes todas as coleras e vinganças de um povo opprimido por longos seculos de tyrannia, agitou tão fortemente a fibra patriotica dos Francezes, que levou a multidão a derrocar em poucas horas a Bastilha e com ella arrancar

do solo as ultimas raizes de feudalismo. Mas os versos do cantor dos *Lusiadas* acordaram num povo inteiro, e perpetuamente, o sentimento da nacionalidade; desenvolveram o espirito bellicoso dos Portuguezes, arremessando-os aos combates, donde voltavam triumphantes, e ainda hoje commovem pela recordação e narrativa de espantosos recontros e maravilhosas victorias. Cada estrophe, que pinta batalhas, tem o clangor da sonora tuba guerreira, *que o peito accende e a côr ao gesto muda, esse signal ingente e temeroso que fazia recuar de medo as aguas do Guadiana* e apavorava os écos das serranias. Ouve-se, a cada passo, no poema, nitrir os ginetes, ribombar o canhão, tinir as espadas, que refulgem ao sol da refrega; vê-se o sangue purpurear a terra, juncada de cadaveres, e a morte pairar sobre o campo mortuario, sacudindo as negras azas.

Todos os esforços viris, a que presidia o *Mavorte feroz dos Portuguezes*, todos os prodigios de valor, escriptos com sangue nas pedras das fortalezas de Diu, de Cananor e de outras praças de guerra da India e da Africa, ficariam ignorados do mundo, si apenas constassem das narrações dos chronistas nacionaes e não houvessem sido celebrados em estylo *grandiloquo e corrente* pelo principe da epopéa dos tempos modernos. Foi esse poema que, erguendo sobre os escudos perante o mundo os heróes

lusitanos, lhes espalhou os nomes e os feitos por todos os pontos do globo.

Camões marca a principal época da Historia de Portugal, ou antes é, por si só, toda a Historia de Portugal. Esse gigante do pensamento domina todas as glorias lusitanas; da corôa, que lhe fulgura na fronte, projectam-se os raios, que illuminam os vultos por elle immortalizados.

Sim; porque, a não serem cantados pelo grande epico, ficaria a sua fama circumscripta nos limites do reino; os versos de Camões é que os fizeram conhecidos da Historia.

E' timbre de ufania o ser Portuguez com tal Portuguez; é brasão de nobreza ser compatriota do maior genio, que Portugal tem produzido.

O nome do cantor dos fastos portuguezes figura no quadro de honra dos benemeritos da humanidade e ha de sobrenadar no oceano do tempo, ainda quando Portugal seja riscado do mappa das nações.

Tal é o destino dos grandes homens, em cuja fronte foi gravado o sello do genio,— faculdade excepcional, negada ao commum dos mortaes. Poeta inspirado — seus carmes serão eternos, como sua fama; cidadão, que estremecia a patria — ha de ser sempre respeitado como um symbolo na religião do patriotismo. Nelle se retem-

pera e rejuvenesce a alma da nação portugueza, que não se desalenta, porque vai beber conforto nos exemplos de coragem e lealdade civicas, que o eminente poeta lhe mostrou no passado, estimulando-a no empenho de seguir as pisadas de seus maiores.

Longe de mim a arrojada presumpção de imitar a epopea de Camões. Não podem pigmeus arcar com gigantes, cuja sombra colossal os cobriria de todo. Resumi apenas os trechos mais bellos do poema, dando-lhes feição moderna e variada metrificação. [illegible] impossivel seguir a narração dos cantos [illegible] canto, em que o [illegible] grande parte dos [illegible] dos heroes portuguezes, não se presta à poesia. [illegible]

[illegible] 188[illegible].

[illegible]

CAMONEANA BRAZILEIRA

CANTO I

ARGUMENTO

Annuncia o poeta que vai cantar os feitos guerreiros e os barões assignalados, que immortalisaram o seu nome e a patria.

Pede ás nymphas do Tejo que o inspirem, para que seja o canto digno da alta empreza. Dirige-se, depois, ao rei de Portugal, D. Sebastião I, supplicando-lhe attenda aos exemplos de patriotismo e de heroico valor, que vai celebrar no seu poema, dedicado áquelle monarcha.

Começa a pôr em scena os seus novos argonautas, ao tempo em que elles, em procura do caminho maritimo para a India, iam prosperamente navegando entre a costa da Ethiopia e a ilha de S. Lourenço.

Ao ver a audacia descommunal dos Portuguezes, e sabendo dos grandes destinos, que lhes estavam reservados, convoca Jupiter no Olympo o concilio dos deuses e decreta sejam os Lusos agasalhados e providos do necessario na costa africana.

Baccho, deus das Indias, receiando que a conquista daquellas regiões pelos Portuguezes lhe apague até a tradição do nome nos Estados, em que fundára seu poder, protesta contra a deliberação de Jupiter e pretende que se negue auxilio e protecção á frota de Vasco da Gama.

Venus, affeiçoada aos Portuguezes, toma o partido dos navegantes, e Marte, deus da guerra, levado pelo antigo amor, que á deusa da belleza consagrava, advoga com energico enthusiasmo a causa, por ella abraçada, ficando Venus vencedora.

Aporta em Moçambique a armada, sendo recebida com demonstrações de amizade. Pede Vasco da Gama ao regedor daquella terra lhe dê piloto, que o leve a seu destino. Trocam presentes, mostrando o Gama as armas e os apparelhos, de que estava apercebido. Geram-se no animo do regedor sentimentos de inveja, ao conhecer a força e grandeza dos Portuguezes.

Aproveitando-se Baccho das disposições hostis do regedor, disfarça-se na figura de um Mouro, conhecido em Moçambique, e aconselha áquelle forneça ao Gama piloto falso e traidor que, em vez de dirigir a frota, a faça naufragar.

Provocados pelos Mouros, bombardeiam os Portuguezes a povoação, cessando o fogo, assim que o regedor manda pedir pazes. Segue a armada, sob a direcção do perfido piloto, que a conduz a uma ilha, onde affirmava haver só gente amiga e, pela maior parte, christã.

O rei dessa ilha, já prevenido por Baccho, convida os da frota ao desembarque.

HOMENAGEM A CAMÕES

NO TRI-CENTENARIO DE SUA MORTE

CANTO I

Salve, Camões ! O raio de teu genio
O horizonte da Historia hoje illumina ;
E' teu poema para o mundo inteiro
Fonte caudal de inspiração divina.

Foste de Deus o arauto grandioso ;
Foste o rei soberano da harmonia ;
Da lyra eterna temperou-te as cordas
O archanjo, que preside á poesia.

Do genio o sello assignalou-te a fronte ;
Chamma, que infunde o céo, ferveu-te n'alma ;
Illuminou-te a auréola da gloria ;
Na mão sustentas do martyrio a palma.

As margens do Mecon— [1] quasi teu Lethes — [2]
Ouviram-te gemer sentidas queixas ;
E as notas de teus cantos soluçaram
Dos salgueiraes nas humidas madeixas.

Carpindo de Sião saudade amarga
Do turvo rio na deserta escarpa,
Como os vates do Hermon [3], no duro exilio,
Feriste lacrimoso as cordas d'harpa.

Quem ha, que possa acompanhar teus vôos,
Si embocas, ó Camões, de Homero [4] a tuba ?
Quem ha que, nos arrojos da epopéa,
No teu sulco de luz tão alto suba ?

Inda parece desenhar-se aos olhos,
Nas solidões do Cabo Tormentoso [5],
De Adamastor o vulto gigantesco,
Envolto n'um bulcão caliginoso.

Troa-lhe a voz horrenda, rebôando
Sobre escarcéos de espumas referventes;
Males sinistros prophetisa aos Lusos,
Rangendo, em furia, os amarellos dentes.

Inda murmuram do Mondego [6] as aguas
Os maviosos ais de Ignez de Castro [7],
E seu tragico fim as alvas nymphas
Inda carpem nas urnas de alabastro.

Inda os cedros da Fonte dos Amores
Choram ao vento a luctuosa nenia,
Como, em Aulis [8], o mar nas rochas vibra
Os tristes ais da misera Iphigenia.

Nymphas [9], que ardente engenho lhe infundistes,
Soprai-lhe a furia sonorosa e grande ;
E a marcia tuba [10] aos terminos do mundo
Leve o canto immortal e aos céos o mande.

Oh ! sim ; aos céos ! O Pantheon [11] da Gloria [12]
Abrio ao luso vate os atrios d'ouro,
Onde Homero e Virgilio e Tasso e Dante [13]
Rama lhe cingem de virente louro.

Oh ! sim ; aos céos ! A chamma do civismo,
Pura, sagrada, lhe inflammava o peito ;
Nunca ao berço natal mais amplo esforço
De acrysolado amor pagou seu preito.

Oh ! como, a flux, dos labios lhe rebentam
Da patria historia os lances de heroismo !
Como a Nuno [14], a Pacheco [15], a Almeida [16], ao Gama, [17]
Ergue no acceso arroubo do lyrismo !

Inclinai, grande rei, o tenro gesto,
Que em vós reflecte magestade tanta ;
Curvai ao vate a fronte coroada ;
Que o verdadeiro rei é quem vos canta.

Esse poeta é rei, que dá corôas [18]
E eternisa a memoria aos reis da terra ;
E seu poema — augusto monumento —
Todo da heroica Lisia [19] o genio encerra.

Tentemos repetir em rouco accento
Alguns dos écos do cantor sublime ;
Não se veja na audacia orgulho insano,
Sim homenagem, que respeito exprime.

Respira brando o vento, inchando as velas
A's leves náus dos novos argonautas ;
Emquanto o Thyoneu [20] prepara insidias,
Por dar á morte as victimas incautas.

Sob um docel de estrellas fulgurantes
Preside Jove [21] ao divinal concilio ;
O grave assumpto, que lhe volve a mente,
Mais lhe carrega o austero supercilio.

Em prol da causa dos barões famosos
Tôa do rei do Olympo a voz tremenda.
Oppõe-se Baccho e a Venus [22], que o contesta,
Marte [23] sustenta, em rispida contenda.

Desmaia a luz de Apollo [24] ao rijo golpe,
Que deu no solio puro o deus guerreiro ;
Vence Erycina [25] e a Vasco em lybias plagas
Mostra Mercurio [26] um povo hospitaleiro.

Colhe velas a frota em Moçambique [27];
Vão ancoras ao mar, que as náus orvalha;
E, a tanger anafis, mourisca turba [28],
Subindo a bordo, no convez se espalha.

Damnada inspiração lhe turva o siso,
Para irrogar injuria á forte gente;
Já de sangue infiel o mar se tinge;
Já lhe varre os bateis pelouro ardente.

Eis fusila o canhão; — sulphureas nuvens
Toldam ao sol a face radiante;
E a raça infida, prosternada em terra,
Treme aos écos da orchestra trovejante.

O infiel regedor [29], temendo a furia
Do grande capitão da armada lusa,
Humilde alcança a paz; que o peito heroico
Generoso perdão jámais recusa.

A' pratica reduz o Mouro astuto
Plano infernal do filho de Semele [30];
Sob o disfarce de piloto amigo,
A naufragio cruel as náus impelle.

Mas tu, Cyprina [31], a direcção lhes mudas,
Do tredo porto desviando as prôas;
E, a frustrar novo ardil do deus das Indias,
Como rapida setta aos mares vôas.

CANTO I

NOTAS

[1] *As margens do Mecon.* Voltando Camões da China para a India, foi preso, por ordem de Francisco Barreto, em virtude de accusações, que lhe fizeram, por ter mal desempenhado o emprego de provedor de defuntos. A náu, em que vinha, naufragou na bahia de Camboja, junto á fóz do rio Mecon (Me-kong). Em Camboja, compoz elle as magnificas redondilhas, imitação do Psalmo 136 de David, e que começam :

Sobolos rios, que vão
Por Babylonia, me achei...

[2] *Lethes.* Um dos rios do inferno. Forçadas a beber de suas aguas, as sombras esqueciam, inteiramente, o passado. Era, portanto, o rio do esquecimento. Digo que o Mecon foi *quasi o Lethes* de Camões, porque, tendo o poeta escapado de perder nesse naufragio o seu poema, ficaria, a verificar-se tal perda, quasi esquecido o seu nome, visto que os *Lusiadas* constituem seu principal titulo de gloria. O Mecon, pois, esteve a ponto de ser o Lethes á memoria de Camões.

O Lethes symbolisa a idéa da separação completa dos dois mundos — o visivel e o de além-tumulo — onde se apagam as lembranças da terra.

Conforme a mythologia, a região dos mortos era separada da dos vivos por alguns rios, que a limitam. Talvez que o espectaculo das aguas, a jorrar do sólo — sua fonte commum — tivesse dado aos Gregos o vago presentimento de um facto, estabelecido pela sciencia moderna — o da existencia, em diversas profundidades, de vastos lençóes de aguas subterraneas.

[3] *Vates do Hermon*. Prophetas hebreus que, no captiveiro de Babylonia, carpiam as saudades de Sião, ou Jerusalem, sua patria.

Referindo-se ás redondilhas, de que fallamos na nota primeira, diz o Visconde de Jurumenha : « Debaixo da allegoria de Babylonia e Sião, significando esta a terra e aquella o céo, joga este poema, feito, sem duvida, ou antes ou depois de uma confissão, quando se realisou este perigoso episodio da vida do poeta. »

[4] *Homero*, que dizem florescêra em 968 ou, segundo Herodoto, em 884 antes do Christo, é o pai da poesia epica.

Ha escriptores, que opinam ser Homero um mytho, sustentando que o seu poema (A Illiada) é uma collecção dos cantos heroicos da Grecia, ou das *rapsodias* dos poetas cyclico-jonios, colleccionados em todo uniforme pelos grammaticos de Alexandria.

[5] *Cabo*, ou melhor *Promontorio Tormentoso, ou Tormentorio*. É a ponta avançada de terra, que termina a parte meridional da Africa, entrando longe pelo oceano atlantico.

O nome *Tormentoso* vem das tempestades, ou tormen-

tas, que alli costumam reinar, tornando perigosissima aquella passagem aos navegantes.

Dobrou-o Bartholomeu Dias, pela primeira vez, em 1486.

De então em diante, foi chamado « *da Boa Esperança* », denominação, que lhe deu D. João III, de Portugal, porque de tal dobramento resultava a abertura do caminho maritimo para as Indias Orientaes, constituindo « boa esperança » para o desenvolvimento do commercio portuguez com aquellas riquissimas regiões, até então desconhecidas e inexploradas pelo mundo civilisado.

Vasco da Gama dobrou-o, de novo, em 1498, chegando effectivamente, com sua expedição, a Calecut, no Malabar, importante costa da India.

Existe, naquelle ponto, a cidade do Cabo, séde de uma colonia, fundada, em 1610, pelos Hollandezes e a elles tomada, em 1806, pelos Inglezes, aos quaes ainda hoje pertence.

Finge o poeta que aquella inhospita paragem — vestibulo da estrada maritima para o Oriente — era defendida por um fero e medonho gigante (Adamastor), o qual, acceso em ira pela audacia dos navegantes, que lhe devassavam aquelles recessos vedados, amaldiçoou-os e lhes predisse todos os males, em castigo da temeridade, com que o affrontavam. A descripção e a historia do gigante são engenhosissimas, pela originalidade.

[6] *Mondego*. Rio que banha a cidade de Coimbra, em cuja proximidade demora a « Quinta das Lagrimas », onde se passou a romanesca historia dos amores de Ignez de Castro e Pedro I, de Portugal. Existe naquella quinta a « Fonte dos Amores », junto de magnificos cedros.

Coimbra é séde de uma universidade e rica de tradições.

[7] *Ignez de Castro.* Donzella nobre, com quem, depois da morte de sua esposa D. Constança, casára clandestinamente D. Pedro I, mais tarde cognominado o *Crú*, filho de Affonso IV, rei de Portugal.

Aproveitando a ausencia de D. Pedro, Diogo Lopes Pacheco, Alvaro Gonsalves e Pedro Coelho, conselheiros de Affonso, instigaram a este para que mandasse assassinar Ignez, que diziam ser embaraço ao casamento do infante com Beatriz de Castella, união, de que dependia a paz entre este ultimo reino e o de Portugal.

A morte de Ignez é nodoa indelevel para a memoria de Affonso IV.

[8] *Aulis. Iphigenia.* Resa a mythologia que Iphigenia foi nomeada por Calchas para ser a victima, sacrificanda em Aulis (capital da Beocia), afim de se conseguir vento favoravel, que levasse os navios gregos ao cerco de Troia. Entregou-a Agamemnon ao supremo sacerdote. No instante, em que se ia consummar o sacrificio, arrebatou-a Diana, fazendo, em logar dessa victima, apparecer uma corça, que foi immolada. Transportaram Iphigenia á *Taurida*, onde Thoas, rei daquella região, a erigio em sacerdotisa de Diana, a quem esse rei cruel fazia holocausto de todos os estrangeiros, que a seus Estados aportavam. Orestes, depois da morte de sua mãi Clytemnestra, constrangido pelas Furias, que o agitavam, a errar por toda a parte, foi preso naquella terra e condemnado ao sacrificio. Reconheceu-o, porém, Iphigenia, sua irmã, quando o cutelo já contra elle se erguia, e o livrou, bem como a Pylades, que queria morrer em logar de Orestes. Fugiram os tres, depois de haverem morto a Thoas, e levaram comsigo a estatua de Diana.

Os versos, a que corresponde este lance, foram despertados pela seguinte passagem de Racine, na « Iphigenia em Aulis. »

E' Iphigenia quem falla:

« *Justos céos, que ordenais a minha morte;*
Eis-me só! Desfechai o golpe extremo!
Terminai minha vida e meus terrores;
Somente sobre mim caia a vingança.

(Acto V, verso II.)

N'essa tragedia não é uma corça, que morre, em vez da filha de Agamemnon e Clytemnestra.

Revelára o oraculo a Chalcas que da união secreta de Theseu com Helena nascêra uma filha, a quem chamam Eriphila, mas cujo verdadeiro nome é Iphigenia. E' esta a victima, votada ao sacrificio, salvando-se a filha do rei de Mycenas. Eriphila não espera pelo golpe. Quando o braço de Chalcas se ergue sobre ella, apodera-se de um cutelo, que poisava no proximo altar, e enterra-o no seio, expirando logo, banhada no proprio sangue, que purpureia a terra.

[9] *Nymphas*. Homero diz que as nymphas são as filhas de *Zeus* (Jupiter), o deus das borrascas. Em linguagem ordinaria, devem ellas o nascimento ás aguas do céo, que vêm cahir na terra, que penetram o solo, accumulando-se n'este e cavando estrada, para apparecerem á superficie, sob a fórma de fontes esguichantes. Tendo nascido no céo, abandonaram-no pelas magnificas florestas, pelas nascentes dos rios e pelos prados de verdejante relva. Sua vida divina é a das aguas de eterna corrente, a da madida seiva, que não cessa de animar arvores, plantas e toda a vegetação terrestre. Cavernas, cuja humida arcada distilla agua, gota a gota, para formar, ás vezes, stalactites; e principalmente vãos e anfractuosidades de rochedos, d'onde jorram fontes — serviam de moradas naturaes ás *Naiades*, virgens das aguas correntes. Exercendo acção benefica sobre a vegetação, attribue-se-lhes poder nutriz e fecundante. Consideradas oraculos capazes de

desvendar ao homem o futuro e infundir-lhe sciencia divina, eram invocadas como inspiradoras dos poetas, de par com as musas, a cuja familia pertencem. A harmonia natural das aguas, nas quaes se recreiam, dá-lhes o caracter de genios poeticos.

Além de *Naiades*, que presidem ás aguas, ha *Oreades*, que se aprazem nos cimos e declives dos montes; *Meliades*, nymphas dos freixos; *Dryades*, dos bosques de carvalho, e *Hamadryades*, das arvores.

[10] *Marcia tuba*. Trombeta guerreira ou de Marte, que a mythologia fez deus da guerra.

[11] *Pantheon*. Esta palavra significa — templo consagrado a todos os deuses. O *Pantheon* de Roma era situado no campo de Marte, fóra do recinto da antiga cidade. Tinha o nome de Pantheon de Agrippa, porque foi Vespasiano Agrippa quem o mandou acabar (28 annos antes do Christo) e o dedicou a todos os deuses. Subsiste ainda, já meio arruinado. Roma possue ainda outro *Pantheon*, especialmente dedicado á Minerva Medica.

Em Pariz, a igreja de « Santa Genoveva » conserva o nome de *Pantheon*. Depois de ter sido secularisada a mesma igreja e destinada ao culto dos homens illustres, restabelecendo-se-lhe no frontespicio a inscripção : « Aos grandes homens a patria reconhecida », retomára em 1851 o nome de *Santa Genoveva*, sendo restituida ao culto catholico.

Ultimamente, foi, de novo, secularisada, por occasião da morte de Victor Hugo, cujas cinzas estão alli depositadas.

[12] *Gloria*. A figura da *Gloria* existe gravada em muitas medalhas romanas, principalmente n'uma de Adriano, em que é representada por magestosa mulher, coroada como rainha, empunhando na dextra ramos de loureiro e pousando a esquerda n'uma pyramide. Outras medalhas nol-a mostram

trajada de amazona, sentada sobre despojos opimos, trazendo n'uma das mãos uma setta e na outra um globo, e coroada de uma pequena *Victoria*.

Deram os modernos á Gloria soberano garbo, corôa de ouro, tunica não chegando aos pés, e deixando descoberta parte do peito ; representam-n'a algumas estatuas com azas, e de trombeta na mão.

[13] *Virgilio, Tasso e Dante*. Poetas epicos, muito conhecidos.

[14] *Nuno Alvares Pereira*. Um dos heróes portuguezes de mais provado valor, contemporaneo de D. João III, para gloria de cujo reinado contribuio poderosamente.

[15] *Duarte Pacheco Pereira*. Esforçado guerreiro, cognominado o *Achilles Lusitano*. Colheu, na India, ampla messe de louros.

[16] *D. Francisco de Almeida*. Primeiro vice-rei da India Portugueza, valerosissimo guerreiro.

[17] *Vasco da Gama*. Heróe dos Lusiadas.

[18] *Tous deux également nous portons des couronnes ;*
Mais — roi — je la reçois ; — poète — tu la donnes.

(Carlos IX a Ronsard.)

[19] *Lisia, ou Lusitania*. Antigo nome de Portugal. E' derivado de Luso, personagem quasi mythico, companheiro, ou filho de Baccho, de quem se diz descenderem os Portuguezes.

[20] *Thyoneu*. Baccho (Dionysos), filho de Semele, denominada Thyonia, depois de sua immortalidade.

Semele personifica a terra na quadra da primavera, e é fecundada por Jupiter, da mesma fórma que o foi Dánae, sob a fórma de chuva d'ouro, isto é, por meio dos aguaceiros bemfazejos, que amollecem o seio da terra e nella desenvolvem a vida. Cedendo aos desejos de sua amante, appareceu-lhe Jupiter em todo o esplendor. Cahio Semele fulminada,

deixando escapar do seio o fructo, ainda incompleto, de seus amores. Recolheu-o Jupiter na coxa, donde o tirou, quando completo o praso da gestação.

Esta tradição parece encerrar a historia do nascimento e da maturidade do cacho de uva. Apenas a terra sahe do longo somno de inverno, soffre a acção do sol e deste fecundo hymeneu concebe os germens da vida. A seiva primaveril sobe ao sarmento da vinha, que já rebenta, e o deus começa a formar-se. Subito, porém, Jupiter fulmina Semele; isto é, o ardor dos raios solares secca e consome o solo, e o fructo nascente mangraria, si não se occultasse sob as folhas do arbusto, que o produz. E' então o céo, que termina a obra da terra; é o céo quem defende e protege Dionysos, cobrindo-se de nuvens, donde se escapam orvalhos refrigerantes, cuja humidade nutre o nascente cacho e lhe apressa a madureza.

A legenda resava, com effeito, que Dionysos, logo que nascêra, fôra confiado pelos cuidados de Mercurio ás nymphas, suas amas. Ora, as nymphas representam a humidade da terra, a seiva, que anima plantas e arvores; representam as fontes esguichantes, os rios de grandes aguas.

A mythologia figura Baccho como conquistador das Indias; foi elle o primeiro, que lançou uma ponte sobre o Euphrates; ainda hoje se mostra o cabo, que lhe servio para unir as duas margens do rio. Este cabo é tecido de sarmentos de vide e de ramos de parras. Podiam estas fabulas gerar crença n'um Baccho indiano, que só na imaginação grega existio, e cuja legenda é posterior á expedição de Alexandre.

[21] *Jove. Rei do Olympo.* O nome de *Jupiter, ou Jove,* é um composto, como *Marspiter;* a raiz da primeira syllaba é *Jov ou Jú,* encontrada nas velhas palavras *Diovis ou Jovis.* Esta raiz, commum a todas as linguas indo-européas, e a todos os systemas mythologicos, significa a claridade do

dia, á serenidade do céo, e tem, geralmente, servido para designar o deus supremo, ou antes, os deuses, em geral. Assim, o céo é chamado *djaus*, em lingua indiana, e os Persas davam ao céo o mesmo nome, que á mais alta de suas divindades. O *Zeus*, dos Gregos, é um desvio apparente, porque apparece no genitivo, raiz primeira. Na Italia desapparece a antiga fórma tradicional *Diuvis*, *Diovis* e *Jovis*, juxtapondo-se a forma official *Jov ou Jú* e *Pater*.

Representava assim, Jupiter, para as antigas povoações italianas, um pai soccorredor, um deus do céo, da luz e que regia o céo e a terra. Jupiter não veio de *juvare* e sim *juvare* da raiz *Jov*. Cumpre rectificar este erro.

Jupiter era adorado como o deus das alturas do céo, como a fonte mais elevada de toda a revelação, como o principio de toda a ordem, de toda a salvação, de toda a victoria. Entre os Sabinos predomina, com o culto de Jupiter, a idéa de pureza, de serenidade; Jupiter é, para elles, o deus da felicidade, da ordem, do direito. Entre os Etruscos, sem deixar estes de o adorar como fonte de luz e de ordem, é Jupiter, antes de tudo, o senhor dos relampagos, o autor de todas as catastrophes celestes e terrestres.

O Jupiter italiano é, mais que o hellenico, um deus do naturalismo.

Não é sómente o pai do dia e da claridade; é o pai de toda a luz, dos relampagos, da lua cheia, do tempo, da temperatura; é o deus da chuva (o deus que fecunda) e de todos os phenomenos do ar.

Em toda a Italia veneravam Jupiter ao lado de Marte, como o verdadeiro arbitro dos combates e deus da victoria.

Aos attributos guerreiros juntava Jupiter attributos pacificos; era o deus da justiça e da fidelidade; presidia ás divisões interiores do mez. Figurava, tambem, como deus da mocidade, sendo, sob este aspecto, adorado com a invocação de

Juvenis, *Juventus*, *Adultus*. Nas casas, era o nume do lar, o deus *penetralis*; veneravam nelle, igualmente, o orago da hospitalidade e dos direitos d'esta; invocavam-n'o, ainda, como o deus *Custos* e *Conservator* (Guarda, Conservador). O mais frequente, porém, de seus nomes é — Salutaris — (Salvador).

Resalta, d'entre as estatuas deste deus, a do Jupiter Optimus Maximus, do Capitolio. Capitolio significa cidadella, fortaleza; o templo de Jupiter Optimo Maximo, ahi edificado, tomou, por essa razão, o nome de Capitolino, bem como o deus.

A estatua do deus Capitolino era imagem do Hercules antigo.

Olympo. É um monte da Thessalia, que os antigos suppunham tocar o céo com o cimo, sendo, por isso, considerado como a residencia dos deuses e côrte de Jupiter. Reinava alli perpetua serenidade e eterna primavera.

[22] *Venus*. É a creação mais risonha da mythologia. Nasceu da espuma do mar; querem outros que seja filha de Jupiter e de Dione. Era deusa da belleza, mãi do Amor e rainha dos Risos, das Graças e dos Prazeres. Os seus mais ricos templos existiam em Amathunta, Lesbos, Paphos, Gnido e Cythera. Representavam-n'a com Cupido, seu filho, sobre um coche, tirado por pombas, ou cysnes, ou pardaes.

Figura nos *Lusiadas* como protectora dos Portuguezes.

O nome *Venus* representa, entre mil fórmas, uma das que estão em uso para designar esta deusa da primavera e da vegetação, cujo culto parece ter sido muito espalhado, principalmente entre os Latinos. No Lacio e em Roma, não era Venus sómente a deusa do Amor; presidia a todas as relações sociaes, a todas as confraternidades, o que deu origem á denominação de *Concordia*, que lhe foi applicada. D'ahi a

singular importancia desse culto para a liga latina e o emprestimo, que essa liga tomou da Grecia e do Oriente, trasladando d'alli Aphrodita, para combinal-a com a Venus italica.

Venus vem da raiz *ven*, que significa — amar, desejar; desta raiz procede, sem duvida, a palavra grega *vinos* (vinho).

Vanas quer dizer, em sanskrito, *amavel; vanas* é o latim *venustas* (formosa, engraçada). Assim, Venus é a bella, a amavel deusa da primavera, das flôres, de todos os encantos da natureza. Antes de chamar-se — Venus, em Roma, chamou-se, ao que parece — Murcia —; nome, que vem de *mulcere* (abrandar, suavisar), e tambem — Cloacina e Libitina —, nomes, que designam outros attributos da deusa. Entre os Oscos era conhecida por *Herentatis*, nome que assignala a deusa do desejo, como — Voluptas, Volumnus, Voleta — divindades *indigetes*.

O vocabulo — Murcia — é da mesma familia de — Mulier e — Mulciber —; mais tarde escreveram-n'o — Murtea — e fizeram-n'a deusa dos myrthos.

Era a deusa das vindimas, da alliança pacifica, e, na qualidade de divindade do prazer, davam-lhe o appellido de — Libitina. Presidia aos jardins, figurando de orago dos jardineiros. Venus *Urania* era a deusa dos combates e, ao mesmo tempo, a mãi fecundadora de todas as coisas. A Venus *Victrix* identifica-se, muitas vezes, com a *Victoria*.

Tendo sido, ao principio, a deusa da vegetação da primavera e dos combates, acabou finalmente por ser a dos attractivos femininos e da volupia. Havia, entretanto, uma distincção no culto. A Venus — Verticordia — era objecto de adoração particular como deusa da castidade feminina; a Venus *Vulgivaga* (em grego Pandemos), pelo contrario, era a deusa das cortezãs.

[25] *Marte. Deus da guerra.* Filho de Juno, fecundada pelo contacto de uma flor. E' o deus da guerra. Por ser amante de

Venus, tomou o partido desta deusa no concilio do Olympo.

A raiz da palavra Marte parece que é— mar ou mas — raiz, que no materialismo primitivo fazia a propria essencia do mesmo deus Marte e que, pouco a pouco, se tem apagado sob os attributos grosseiros, de que sua natureza, exclusivamente, se compoz. De *mar* formou-se — Marmar ou Marmor; nomes, sob os quaes é o deus invocado como protector dos colonos.

Data de remota antiguidade o culto de Marte. São-lhe dedicados os carvalhos, as figueiras e outras arvores. O lobo e o pico são seus symbolos; um significa a avidez glotona; o outro é o mysterioso habitante dos bosques, dominio do nume. Chamava-se o lobo em Roma — lobo Marcio, ou loba Marcia. Sabe-se a historia da loba, que aleitou Romulo e Remo. Qual o sentido deste symbolo? Evidentemente, o caracter cruel e ardiloso do lobo é que delle fez o animal do deus dos combates. O pico (Marcio) é um cavador incansavel dos bosques; sonda-lhes as profundezas e dellas tira thesouros occultos. Seu nome era, de certo, uma onomatopéa, representando o roer de seu trabalho solitario. No culto de Marte é um vidente e um guerreiro.

Tambem eram consagrados a Marte o boi e o cavallo de batalha; podiam ser-lhe immolados carneiros e porcos. Protegia Marte a criação dos cavallos e presidia ás corridas.

Na qualidade de deus da fecundação, Marte tambem era o da primavera. Nem sómente pela primavera o adoravam como divindade da natureza; em outubro dedicavam-lhe tambem um sacrificio, em honra da seara. Apparece-nos igualmente como protector da vida dos prados, como soccorredor, que poupa aos campos todas as provações e catastrophes.

Figuravam-n'o ainda como patrono dos raptos, que é a fórma primitiva dos casamentos; a festa de Juno e Marte,

celebrada em 1º de março, era uma recordação do roubo das Sabinas.

O rapto de — Anna Perenna — por Marte dera logar á festa dos idos de Março, no templo dessa deusa, sito ás bordas do Tibre, que banhava o bosque sagrado. Anna Perenna vêm ou de *amnis perennis* (rio perenne), pois era invocada ás margens do Tibre, ou (o que é mais plausivel) tal nome é o da deusa das evoluções da lua; este astro, em suas phases mensaes, ora apparece joven, ora velha, e a palavra *Anna*, em grego, quer tambem dizer velha e nova lua.

Anna Perenna seria, portanto, a deusa dos annos.

24 *Apollo — Phoibos* (Apollo). É, litteralmente, o «deus luminoso ou deus brilhante».

Nasceu Apollo da união de *Jupiter* e da *Noute;* — da *Noute* que, nos vastos abraços do céo, concebe o deus do dia, e cujos obscuros flancos encerram os germens da santa luz.

A victoria de Apollo sobre a serpente *Python* significa o triumpho da luz sobre a escuridão, ou antes a acção, exercida pelos raios solares sobre as exhalações da terra.

Phœbo, ou Apollo é, portanto, o deus da luz; é tambem o deus da harmonia. *Phœbo-Apollo* toca cythara e tem por attributo este instrumento, de par com o arco e as flechas. *Apollo* apparece como director do côro das musas, como o deus *musagete*.

Por que razão foi a cythara ligada á pessoa do deus solar?

Eis a resposta, que dão os mythologos. Os raios do astro do dia nascente foram pela imaginação primitiva comparados ás cordas de uma cythara de ouro, cujas notas eram a expressão do canto da natureza, saudando o sol no levante. A cythara, conseguintemente, foi o symbolo da harmonia cosmica, á qual preside o deus solar, que regula os dias e as noutes, os mezes, as estações e os annos.

Apollo é tambem o deus dos oraculos e da inspiração poetica.

[25] *Erycina*. Cognome de Venus, tomado de um templo, que se lhe erigira no monte Eryx (Sicilia). Em Roma tambem a adoravam sob o mesmo cognome.

[26] *Mercurio*. Deus, chamado Hermes pelos Gregos e filho de Jupiter e Maia. Presidia á eloquencia, ao commercio e ao latrocinio. Mensageiro dos deuses, e principalmente de Jupiter, tinha na cabeça e nos calcanhares azas, chamadas *talares*, para lhe augmentar a rapidez nas excursões.

O simples nome desse deus revela suas attribuições. Preside ao commercio, que começou em Roma ao mesmo tempo que seu culto, e por consequencia, sob o influxo do commercio grego em Cumas e em Sicilia. Em seus primeiros tempos, não havia Roma pensado em ter commercio independente; a propria fundação de Ostia, no reinado de Anco Marcio, apenas indica o desejo pronunciado de occupar-se a embocadura do Tibre. Foi sómente aos Tarquinios que Roma deveu, neste ponto, vivo e forte impulso, como prova o primeiro tratado de commercio entre Roma e Carthago. Dahi procede a ausencia completa de um deus, quer do mar, quer do commercio, entre os deuses nacionaes de Roma. Na Etruria, o Hermes grego chamou-se *Turmos*, nome formado do grego, como *Turam*, de Urania. Deu-lhe Roma o nome de Mercurio, isto é, deus do commercio; porque era sob esta face que Hermes apparecia aos Romanos. Por muito, não se lhe reconheceram outras attribuições. Em Plauto, no prologo de *Amphitryão*, Mercurio é ainda simplesmente o deus do commercio. Mais tarde, em Horacio e Ovidio, o sentido mais largo e mais delicado do Hermes grego tinha ennobrecido a concepção de Mercurio. O caduceo, seu attributo ordinario, symbolo das relações pacificas, espalhou-

sê na Italia, ao mesmo tempo que se espalhava tambem o culto desse nume.

[27] *Moçambique*. Praça de guerra na Africa oriental, pertencente aos Portuguezes e cabeça de um governo de grande extensão. Fica em uma ilha, sendo o ponto, onde refrescam os navios portuguezes em caminho da India. O governo de Moçambique comprehende as possessões portuguezas, que principiam na bahia de Lourenço Marques e terminam no cabo Delgado e as que começam em Quilimane e vão até Zumbo, seguindo o curso do Zambéze.

[28] *Mourisca turba*. Multidão de Mouros. Mouro é aqui synonymo de infiel, ou que não professa a religião do Christo.

[29] *Regedor*. O chefe, ou soberano de Moçambique.

[30] *Semele*. Mãi de Baccho, deus das Indias.

[31] *Cyprina*. Cognome de Venus, por ser adorada em Chypre.

CANTO II

ARGUMENTO

O rei da ilha, em frente á qual fundeára a frota lusitana, manda mensageiros a bordo, com protestos de amisade, convidando ao desembarque. Expede o Gama á terra dois degradados, que levam presentes ao rei. Observam os mensageiros os costumes dos incolas, que lhes prestam agasalho, e assistem ás ceremonias christãs, todas simuladas por magico ardil de Baccho.

Acreditando o Gama no que lhe contavam seus emissarios, recebe os Mouros com demonstrações de amisade, em quanto os perfidos preparavam armas e meios de guerra para destruir a esquadra.

Venus, que tudo isto via do alto do Olympo, vôa ao mar com a rapidez da setta; convoca as nymphas do oceano, que surgem de seu paço submarino, nadam em direcção das náus e, encostando-lhes ás prôas os peitos de alabastro, desviam-n'as do traiçoeiro porto, para onde as impellia o vento, insufflado pelo filho de Semele. Recuam as náus;

surge-lhes em frente um grande escôlho, que provoca celeuma de terror. Tomados de vertigem, atiram-se os Mouros ao mar, perecendo, quasi todos, afogados. Salva-se a companha ; o Gama, conhecendo o perigo, de que se livrára, rende graças ao céo por essa milagrosa protecção, rogando-lhe que o leve com seus companheiros a seguro porto, onde possam ter noticias da India.

Ouve-lhe Venus a supplica ; vai ao sexto céo queixar-se a Jupiter da perseguição, que move Baccho aos Portuguezes, e intercede para que os proteja o pai dos deuses.

Accede Jupiter ao voto da filha e, rasgando-lhe o véo do futuro, mostra-lhe, em resumido quadro, as gloriosas conquistas, que hão de illustrar as quinas. Chama, em seguida, a Mercurio e ordena-lhe mostre em sonhos ao Gama, que estava em Mombaça, a terra, junto á qual devia a frota fundear, e o caminho, por onde alli chegaria.

Ancóra a armada em Melinde ; ahi são os Portuguezes acolhidos pelo soberano e pelo povo da terra.

Vem o rei Melindano a bordo da capitanea ; nota, com assombro, quanto alli existe; salvam as náus, em signal de regosijo. Pede o rei ao Gama lhe conte sua viagem, a historia dos reis portuguezes e a da terra, d'onde partira.

CANTO II

Eis presto as Nereidas [1], surgindo das furnas,
Rodeiam a frota, que oscilla nas aguas ;
Tritão [2] que, soberbo, levava Dione [3],
Da ardente petrina [4] se abrasa nas fraguas.

Encostam as nymphas os peitos nas quilhas,
Que, ao magico impulso, da costa recuam ;
A faina referve, restruge a celeuma,
E os Mouros se arrojam nas vagas, que estuam.

Ao céo, que o salvára, dá graças o Gama,
E invoca o soccorro da Guarda Divina ;
O supplice rogo, que a turba enternece,
A's plantas de Jove conduz Erycina.

Os paramos fende da abobada etherea ;
Perpassa de estrellas a esphera brilhante ;
Penetra, segura, recessos do empyreo [5]
E surge ante o solio do grande Tonante. [6]

A face, affrontada do afan do caminho,
De gloria e belleza, serena, resplende ;
O olhar, em que a força do amor se concentra,
Espaços, estrellas e pólos accende.

Com fina escumilha velando os encantos,
Tal como ante os olhos surgira de Anchises [7],
Os numes inflamma, mostrando, entre sombras,
Dos lyrios divinos incertos matizes.

Fluctua aurea coma, beijando-lhe o collo ;
Andando, estremecem-lhe os seios de neve ;
Desejo arrojado se enlaça ás columnas,
E sobe a thesouros, que a mente descreve.

Estala em ciumes Vulcano [8] irritado ;
O peito de Marte transborda delicias ;
E, mais melindrosa, que triste, Acidalia [9],
Do pai, que a estremece, recebe as caricias.

Altera uma sombra de vaga tristeza
O meigo sorriso, que os labios lhe inflora ;
Semelha seu rosto, banhado de pranto,
Cecem, rociada do aljofar da aurora.

O pai do universo [10], beijando-a nos olhos,
Ao peito a conchega, limpando-lhe o pranto ;
Prediz-lhe a grandeza futura dos Lusos
—Terror do universo, dos évos espanto.—

Descreve-lhe as quinas [11], varrendo o oceano,
Que ferve, abrasado de fogo e metralha;
E como em conquistas na face da terra
O luso dominio se firma e se espalha.

O filho de Maia, batendo os talares,
A frota a Melinde [12] dirige, em bonança;
E manda, por ordem de Jove supremo,
Que tenha uma tregua tão longa provança.

CANTO II

NOTAS

[1] *Nereidas*. Nymphas, ou deidades mythologicas, que habitavam o mar e formavam a côrte de Amphitrite, esposa de Neptuno, deus do oceano.

A palavra — Nereu — tem significação muito determinada; desperta a idéa da agua em movimento, como tambem a das Nayades, da mesma etymologia. A vista das vagas, que sulcam a face das aguas ao sôpro de ligeira brisa, dera nascimento a seres phantasticos, denominados Græeas, isto é, velhas (enrugadas). Da mesma sorte, podia acontecer que o espectaculo da branca espuma, a erriçar a crista das vagas, fizesse conceber Nereu como um ancião, pois é chamado « o velho do mar.» Sua morada ordinaria é uma gruta brilhante, um palacio de luz, sito no fundo das aguas. A pessoa de Nereu é, por tanto, ao que parece, um dos aspectos do mar; do mar, suave para o marinheiro; que não illude com falsas promessas e fallazes seducções, que se presta, condescendente, ás emprezas e leva, facilmente, ao termo da

viagem; que favorece a paixão do lucro e o espirito aventureiro.

Os nomes expressivos, dados pelo poeta da *Theogonia* (Hesiodo) ás filhas do velho (as cincoenta Nereidas), exprimem as mesmas idéas. Trazem á lembrança os beneficios do mar; as riquezas, de que o mar é fonte; a facilidade, que dá ao homem para o commercio e as transacções. Esses nomes exprimem, ao mesmo tempo, as seducções e graças do mar, a força, a doçura, a risonha calma, a rapidez de movimentos, o brilhante azul, as cavernas, em que o mar penetra, as costas e ilhas, que banha e as praias de areia em que vem morrer. « No momento, em que a brisa incha o mar (diziam os Gregos), sahiam as filhas de Nereu das profundas moradas de seu pai, emergindo á superficie da agua, em todo o fulgor de sua virginal candura, e tomavam terra nas bahias e embocaduras dos rios, para formar coreias e acordar harmoniosamente os ecos, ás notas de seu cantar.» Graciosas imagens, que pintam, ao vivo, o encanto do mar e a impressão de suas vagas harmonias!

[1] *Tritão*. Filho do deus atroador, que abala o mundo, e de Salacia, ou Amphitrite. Tritão mora perto de sua mãi e de seu pai, n'um palacio de ouro, sito no fundo do abysmo aquoso; é um ser poderoso, gigante, imagem do elemento terrivel e de suas fremantes coleras. Tritão exprime, principalmente, o furioso mugir do mar cavado. Seu attributo ordinario é uma dessas conchas marinhas, na qual, approximando-se-a ao ouvido, parece repercutir o longinquo ruido do mar. Durante o combate dos Gigantes, o espantoso estrondo da concha de Tritão puzera em fuga os inimigos dos deuses. Esta lenda symbolisa as selvagens harmonias do mar, cuja irresistivel pujança não póde ser igualada.

O busto de Tritão é de homem; a parte inferior do corpo a dos monstros marinhos, que lhe formam o cortejo. Pelos

tempos adiante, multiplicou-se este deus; a imaginação grega povoou as aguas de uma chusma de Tritões que, em companhia das Nereidas, formam gracioso côro — escolta habitual das duas grandes divindades do imperio maritimo. Neste conjuncto, os Tritões, pela fórma, são typos intermediarios entre as figuras humanas de Neptuno e de Amphitrite e as forças animaes dos Centauros marinhos, dos dragões, dos hypocampos — representação phastastica dos habitantes do mar, que nos movimentos arrebatados, no rapido collear, nos aspectos cambiantes, deixam toda a liberdade á invenção do artista para lhes fixar no marmore as fórmas fugitivas e as ondulosas sinuosidades.

A enargueia de Tritão fórma um dos primorosos trechos dos *Lusiadas*. O distincto poeta Antonio Pereira de Souza Caldas occupou-se graciosamente de um Tritão em certa epistola, que vem nas suas « Obras ».

[3] *Dione*. Nympha, que era filha do Oceano e de Tethys. Foi uma das amantes de Jupiter, de quem teve Venus, cognominada Dionea, do nome de sua mãi. Venus é tambem appellidada Dione, como em Camões.

[4] *Petrina ou pretina* (do hespanhol — pretina). É, em Camões, a cintura de Venus. No cinto desta deusa, chamado *zona* pelos Gregos e *cesto* pelos Latinos, é que reside a força e o poder do Amor.

No XIV livro da *Illiada*, Juno, mulher de Jupiter e rainha do Olympo, pede a Venus emprestado o cinto (petrina ou cesto). Eis a resposta da mãi dos Amores, que reproduzimos da traducção de Odorico Mendes:

« *Nom recusar-te*
Posso, nem devo a ti, que em braços dormes
Do Nume Soberano. » *Eis da Petrina*

Desprende o vario, pespontado Cesto,
Onde havia em desenho os amorosos
Deleites, os colloquios, as blandicias,
Que abrem na mente ao sabio occulta brecha ;
E ao lhe emprestar : « Esconde-o ; elle os mysterios
Do amor encerra todos ; não presumo
Que, sem lograr o intento, aqui retornes. »

E assim, graças á magia desse talisman, tudo conseguio do pai dos deuses.

[5] *Empyreo* (com accento predominante na segunda syllaba). A mais alta das quatro espheras celestes, e a que continha todos os astros. Habitação dos deuses da mythologia; morada de delicias.

[6] O *Grande Tonante*. É Jupiter, por vibrar o raio, que é precedido do trovão.

[7] *Tal, como ante os olhos surgira de Anchises.* A descripção de Camões confirma, neste ponto, as lendas antigas.

Na phrase de Homero, Anchises « era semelhante, por sua belleza, aos immortaes».

Eis a legenda, que na Troada circula a respeito do amor de Venus pelo heróe troyano :

Pastoreava Anchises o seu rebanho pelas encostas do Ida, o monte de cem mananciaes. Vel-o e apaixonar-se pelo formoso mancebo foi para a deusa o effeito de um momento. Transporta-se Aphrodita ao seu dilecto sanctuario, em Paphos, onde as Graças a immergem em banho perfumado e lhe ungem, em seguida, o corpo, de oleo incorruptivel. Revestida, após isso, de esplendidas vestes, arreia-se de joias d'ouro, no seio de rosea nuvem, e vòa para Troya. Chegando á base da montanha, sobe até ás choupanas dos pastores,

onde Anchises vagueava, despertando os écos ao som da lyra. Ao aspecto da deusa, estaca immovel o troyano, admirando-lhe, em religioso recolhimento, a belleza, o original busto, o maravilhoso trajar. « Seu véo era mais brilhante, que o fulgor da chamma ; pulseiras apertavam-lhe os braços ; tinha pingentes nas orelhas ; ornavam-lhe o pescoço numerosos collares e o peito lhe resplendia como a lua. » Registra o *Hymno homerico* esta scena de seducção, cheia de graça, que teve por desenlace a união de Aphrodita e do heróe troyano, união da qual nasceu Enéas, antepassado mythico dos Romanos.

[8] *Vulcano*. Este deus chama-se ordinariamente *Volcano*. Vulcano é de data mais recente. Ainda não se lhe descobrio ao nome etymologia satisfactoria. O nome *Mulciber*, sob o qual o adoram na qualidade de ferreiro divino, é mais explicavel ; parece vir de *mulcere* (abrandar), porque é sua influencia que amollece os duros metaes, para adaptal-os ao uso dos homens.

Nas velhas legendas apparece Vulcano, ora como deus destruidor, ora como nume bemfazejo ; algumas vezes tambem como o deus, que anima e crêa ; outras ainda como Vesta e o Agni indiano, ou deus do lar.

E' igualmente deus bemfazejo e fecundante quando o figuram esposo da velha deusa latina Maia, adorada em Roma sob o nome de *Maia Vulcani*. Esta alliança lembra a do Hephæstos grego com Aphrodita, a Venus latina.

A's vezes, Vulcano é o deus devorante, o deus do elemento avido e destruidor ; outras, é considerado como o nume, a quem se vota o que deve ser queimado, ou que dirige os incendios ; podendo, por consequencia, ser o preservador delles.

No primeiro sentido, é um deus de guerra, por causa do velho costume italico de queimar-se no campo de batalha uma parte da preza. No segundo, era invocado como preservador e collocavam as casas sob sua protecção.

Seus templos eram fóra dos muros da cidade; o unico, que em Roma existia, estava situado no Campo de Marte.

O nascimento de Vulcano era, entre os Gregos, objecto de duas diversas tradições. Na *Illiada* é elle simplesmente o filho de Jupiter e Juno ; na *Theogonia Hesiodica* Hera o concebe, por si só, sem auxilio de. seu esposo, e em um momento de colera contra este. Consideravam-no, pois, como um ser monstruoso, gerado sem amor e sob o influxo da irritação. Como tal, não era filho de Jupiter e somente de Juno, isto é, do céo revolto, onde brama o trovão, onde se desencadeia a tempestade.

Vulcano foi precipitado do céo na terra, ficando coxo, em consequencia dessa quéda. O deus coxo, dizem os mythologos, representa o movimento vacillante da chamma, ou os zig-zags, descriptos pelo raio, ao rasgar o espaço.

Quando os vulcões do Archipelago vomitavam torrentes inflammadas, dizia-se que a forja de Vulcano estava em activo trabalho. Si havia interrupção e repouso, ficando as crateras mudas, por largos annos, é que os obreiros do nume descansavam e Neptuno subira á mansão dos immortaes.

A forja de Vulcano estava situada na ilha de Lemnos, cujo vulcão era, na antiguidade, activissimo, e só ficou de todo extincto no tempo de Alexandre Magno.

[9] *Acidalia*. Um dos nomes de Venus que, como deusa do amor, causava cuidados e inquietações. Dizem tambem que esse cognome lhe procedia de uma fonte, onde as Graças se iam banhar.

[10] *O pai do universo*. É Jupiter.

[11] *Quinas*. São as cinco chagas do Christo, representadas no escudo das armas portuguezas.

[12] *Melinde*. Cidade d'Africa, na costa do Zanzibar, capital do reino do mesmo nome e cujo rei foi sempre amigo dos Portuguezes.

CANTO III

ARGUMENTO

Conta o Gama ao rei de Melinde a historia de Portugal, desde a fundação deste Estado até D. Fernando. Descreve a lucta entre D. Thereza, viuva do Conde D. Henrique, e seu filho D. Affonso Henriques e a dedicação de Egas Moniz que, para resgatar a palavra do monarcha, de quem ficára fiador, põe á disposição do rei de Castella a propria vida, apresentando-se-lhe em companhia da mulher e dos filhos.

Batalha do campo de Ourique, em que D. Affonso Henriques vence os Arabes, commandados por cinco reis, dos quaes o mais forte é Ismar.

Conquista successiva de varias povoações, alargando-se, deste modo, a área do nascente reino. D. Sancho, filho de D. Affonso Henriques, cercado, em Santarem, pelo Mir-almumenin e mais treze reis mouros, consegue desbaratar o inimigo, graças ao auxilio, que lhe foi levado por seu velho pai.

Sobe ao throno D. Sancho I, que continúa nas suas batalhas contra os Sarracenos, debellando-os em varios recontros e ampliando o dominio portuguez.

O terceiro rei de Portugal, Affonso II, toma Alcacer do Sal. Succede-lhe D. Sancho II, que o poeta qualifica de « manso e descuidado », e que é deposto.

O successor de Sancho II, Affonso III (o Bolonhez), expulsa do Algarve os Mouros, firmando a independencia do reino.

Segue-se-lhe D. Diniz I, protector das lettras, das sciencias e da agricultura e que deixa por monumentos principaes de sua gloria os livros, que escreveu, e os grandes edificios, que fundou.

Occupa, depois delle, o solio seu filho D. Affonso IV, o heróe do Salado que, unido a Affonso de Castella, destroça completamente o poderoso exercito dos Mouros.

Induzido por perfidos conselheiros, manda Affonso IV apunhalar D. Ignez de Castro, com quem se desposára secretamente seu filho, o infante D. Pedro. D. Pedro (o Crú), empunhando o sceptro, vinga-se dos barbaros assassinos de sua esposa. Torna-se notavel o reinado deste monarcha pelos seus actos de severa justiça.

D. Fernando, successor de Pedro I, mostra-se, por sua ignavia, incapaz de governar. Influencia de D. Leonor Teiles no animo do rei.

Desculpa Camões a fraqueza do rei, por ser devida á força irresistivel do amor.

CANTO III

Agora tu, Calliope, [1]
Do vate o genio inspira;
E eternos carmes epicos
Solte, afinada, a lyra.

Igual aos feitos celebres
Sublime sôe o metro;
Seja o poeta altiloquo,
Aureo e divino o plectro.

De mui remotos seculos
De Lysia vem a origem;
Some-lhe o berço mythico
Do tempo atra caligem.

Ramo do tronco Arpadico [2],
— O illustre conde Henrique
Legára o mando ao inclyto
Affonso — o heróe de Ourique [3].

Thereza, injusta e cúpida,
O sceptro lhe usurpou ;
Elle, com forte exercito,
A' mãi o retomou.

Lançal-a em fundo ergastulo
Manda, com impia furia ;
Mas o leonez, em colera,
Vinga tão grande injuria.

Aperta em cerco asperrimo
O joven desvairado ;
Mas Egas, fidelissimo,
Aplaca o rei irado.

Vendo fazer o principe
Ao preito resistencia,
Por elle vai, solicito,
Jurar obediencia.

Affonso, ingrato e perfido,
Mente á palavra dada ;
Moniz se offerta victima [4],
Mantendo a fé jurada.

Oh ! probidade emerita !
Leal dedicação !
Sempre terás dos posteros
Culto e veneração.

Eis contra o Mouro indomito
Affonso as armas brande ;
Que almeja o rei catholico
Dominio forte e grande.

São cinco os reis belligeros,
Que imperam, Tejo além ;
A' frente Ismar intrepido
Apercebido, vem.

O mártyre do Golgotha
Mostra-se a Affonso Henriques ;
O enthusiasmo férvido
Do povo rompe os diques.

Sôam trombetas horridas ;
Ferve, cruenta, a guerra ;
Rios de sangue esqualido
Tornam vermelha a terra.

Arma de fina tempera
De Ismar o craneo abóla [5] ;
O forte Mouro, exanime,
Na vil poeira róla.

Braços, cabeças, visceras,
Coalham o chão da morte ;
Rúe, em confuso estrepito,
Toda a infiel cohorte.

Real! Real! unisona,
A grey de Affonso exclama;
E por seu rei legitimo
Em massa, o povo o acclama.

Lisbôa e Cintra — a frigida —
Dão preito ao novo rei,
Que a Mafra, Arronches, Obidos,
Do Christo impõe a lei.

Já deitam longe os terminos
Do portuguez dominio;
Sente-se o Mouro Hesperico [6]
Vizinho do exterminio.

Affonso, quasi invalido,
Parte, a acudir o filho [7],
E alça, em victoria esplendida,
Ao patrio Marte o brilho.

Presta o fiel Teutonico
A Sancho o auxilio seu;
Silves, sujeita aos Arabes,
Aos Lusos se rendeu [8].

Toma outro Affonso Alcácere [9];
Vai outro Sancho ao throno [10],
Deixando a causa publica
Perder-se no abandono.

Affonso, a quem o epitheto [11]
Deram de Bolonhez,
No Algarve o jugo islamico,
Extingue, d'uma vez.

Reina Diniz magnanimo [12],
— Das lettras o Mecenas [13],
Que sobe, altivo, ao Hélicon [14],
Nos braços das Camenas.

O quarto Affonso insurge-se [15]
Contra seu proprio pai;
Mas o celeste anathema
Na fronte não lhe cai.

A esposa formosissima [16]
De Affonso de Castella,
Esparsa a coma, e em lagrimas
Banhando a face bella;

Ao luso rei, benevolo,
— Seu pai — afflicta implora
Que leve aos plainos beticos [17]
Soccorro, sem demora.

Trava-se o prelio rigido;
Tinem, no embate, os ferros;
Fogem os Mouros, pávidos,
Soltando horrendos berros.

Com pilhas de cadaveres
Rubro, o Salado corre ;
E o Granadil, miserrimo,
Fóge, pois vê que morre.

Envolva crepe funebre
O braço do alaúde;
E em notas melancolicas
Do canto o som se mude.

De Ignez o caso tetrico [18],
Que os mortos resuscita,
A fama em threnos lugubres
A's gerações repita.

Ignez, em scisma placida,
Junto ao Mondego ameno,
Que pelas veigas flóridas
Deslisa, tão sereno,

Só tinha nos reconditos
Da accesa phantasia
Doces visões angelicas,
Imagens de alegria.

Despreza excelsos thalamos
Por ella, o regio amante,
Preso aos encantos magicos
Do senhoril semblante.

O rei, que ao povo os impetos,
A custo já, continha,
Condemna á morte tragica
A misera e mesquinha.

Vogaes, antes carnifices,
— Os perfidos ministros -—
São conselheiros intimos
Dos planos vis, sinistros.

Ignez, na azul abobada
Fitando olhos chorosos,
Junto aos filhinhos timidos,
Tão lindos e mimosos,

Levanta humilde supplica ;
Por elles intercede.
Do rei hesita o animo ;
E, alfim, ao povo cede.

Rasgam punhaes sacrilegos
O peito alabastrino ;
Alastra-se de aljofares
O rosto peregrino.

Qual a bonina candida,
Colhida prematura,
Que, ás mãos de moça imprôvida,
Perdeu viço e frescura ;

Assim, formosa e pallida,
Jaz a infeliz princeza ;
— Das perfeições o symbolo,
Transumpto de belleza.

Do azul Mondego as Nayades [19]
De Ignez o fim choraram,
E de seu pranto as perolas
Em fonte se mudaram.

As frescas aguas limpidas,
Correm por entre flores ;
— Eco e lembrança vivida
De tão gentis amores.

Pedro aos malvados aulicos
Inflige atroz castigo [20] ;
Foi justiceiro e acerrimo
De crimes inimigo.

Veio, em seguida, o frivolo,
Ignavo rei Fernando [21],
Que á vil amante adultera
Do reino entrega o mando.

CANTO III

NOTAS

[1] *Calliope*. A principal das nove musas. Presidia á composição dos poemas heroicos.

[2] *Ramo do tronco Arpadico*. Arpado foi o fundador da monarchia hungara (1089) e de sua dynastia, que terminou em 1311, com André III.

O illustre conde Henrique...

O conde D. Henrique, conforme a versão do poeta, era filho de um monarcha da Hungria, reino habitado pelos *Madgyares*, povo asiatico, oriundo do Turkestan.

No anno de 1080 veio D. Henrique a Portugal, em auxilio de D. Affonso VI, que reunira sob seu sceptro os reinos de Castella, Leão e Galliza, comprehendendo-se neste a região, conhecida por Portugal e que se estendia do Minho ao Mondego.

Em recompensa deste auxilio, concedeu-lhe D. Affonso a mão de sua filha D. Thereza (Tareja), com o territorio de Portugal, que poderia ampliar com o que dos Mouros conquistasse.

Reinou D. Henrique, desde 1094, com o titulo de Conde, sobre aquelle territorio, cujos limites fez recuar, por meio de conquistas.

Guimarães era a capital do condado.
Morreu D. Henrique em 1º de Maio de 1114.

[3] *Legára o mando ao inclyto*
Affonso — o heróe de Ourique.

De seu enlace com D. Thereza D. Henrique teve Affonso Henriques, que nasceu em Guimarães, em 1111. Subindo ao throno, com opposição de D. Thereza, então viuva, venceu os Leonezes, que haviam abraçado o partido da condessa. Pelejando contra os Mouros, resa uma tradição muito contestada, que vira em sonhos o Christo crucificado, o qual lhe predisse a victoria. D'ahi veio, segundo alguns, a insignia das quinas para o pendão portuguez.

A batalha de Ourique foi pelejada em 25 de Julho de 1139.

Nega Alexandre Herculano a importancia, que se liga a esse acontecimento, assignalado como ponto de partida da fundação da independencia de Portugal. Com ella não se ganhou um palmo de terra para aquelle reino, pois só em 1147 foram tomadas Santarém, Lisbôa, Cintra, Palmella e Almada e, em 1158, Alcacer do Sal.

Mas essa victoria, alcançada no Alemtejo contra Ismar e os outros quatro reis mouros, seus companheiros, fez conhecer ao inimigo o quanto valiam a energia viril e o espirito guerreiro dos Portuguezes.

A acclamação de Affonso, após a batalha de Ourique, não bastava para tornal-o monarcha independente, visto que não o desligava do juramento de vassallagem ao suzerano leonez. E tanto assim foi que, Affonso, apezar de acclamado, não usou do titulo de rei.

Esse juramento, que o vencedor de Ourique tentára quebrar, veio reclamal-o Affonso VII, de Leão, em pessoa, que foi desbaratado por aquelle nos campos de Val-de-Vez, seguindo-se uma tregua, durante a qual ainda não ficou reconhecida a

independencia de Portugal. Para firmal-a, pedio Affonso Henriques ao Papa, poder então inconcusso e superior ao dos outros soberanos, que o ungisse rei. Finalmente, em 1143, em Zamora, diante de Guido Vico, legado do Papa, deu Affonso VII a Affonso Henriques o titulo de rei de Portugal, sem reclamar suzerania, excepto a da cidade de Astorga, da qual lhe conferio a tenencia, estipulando que Affonso Henriques prestasse homenagem ao Imperador de toda a Hespanha, titulo então assumido pelo rei de Leão.

Segui a versão de Camões, que diz ser o conde Henrique filho segundo de um rei da Hungria.

Fundado em documentos historicos, affirma o Sr. Conselheiro Pinheiro Chagas que aquelle principe era o quarto filho do duque Henrique, de Borgonha, e de sua mulher Sybilla, bisneto de Roberto, rei de França, e descendente de Hugo Capeto. Vindo a terras de Hespanha, movido pelo espirito de aventuras, e, tendo combatido em prol da causa de Affonso VI, rei de Leão, deu-lhe este em casamento sua filha D. Thereza (Tareja), que houvera da nobre dama Ximena Nunes, e concedeu-lhe em feudo, com o nome de condado de Portugal e sujeito á suzerania do reino de Leão, o dominio do territorio da Galliza, que demorava para além do Minho, podendo alargal-o com o que dos Sarracenos conquistasse. Era companheiro de armas do Cid, o Campeador.

Dos foraes, concedidos por D. Henrique a diversas terras de Portugal, se vê (diz o Sr. Pinheiro Chagas) que elle se reconhecia subdito de D. Affonso VI. No foral de Tentugal declara Affonso Henriques expressamente que *o dá, por mandado do rei D. Affonso*, que lhe ordenou reedificasse e reconstruisse a villa.

O nome — Portugal — vem da povoação *Portucale*, e é derivado de um antigo castello chamado — Cale —, ás mar-

gens do Douro, onde se fundou, servindo de porto, uma povoação, com o mesmo nome.

O Portugal do conde D. Henrique, tendo por capital Guimarães, foi, portanto, uma simples provincia de Leão, inquieta como sua vizinha Galliza, mas não independente... A independencia nunca foi concedida positivamente ao Borgonhez; mas existio, de facto, quasi depois da morte de Affonso VI, porque os mesmos, que precisavam delle, não seriam os que se lembrassem de reclamar-lhe vassallagem.

Por morte do conde Henrique, governou Portugal D. Thereza, tomando o titulo de « infanta-rainha.» Dominada pela paixão, com que estremecia ao conde gallego Fernão Peres de Trava, investio-o no governo de Coimbra e do Porto, equiparando-o assim, na dignidade, a seu primeiro esposo, porque fôra exactamente esse governo o concedido a D. Henrique por Affonso VI, quando Portugal nascente se apertava em seus estreitos limites.»

Das palavras — *primeiro esposo* —, empregadas pelo Sr. Pinheiro Chagas, deduz-se que D. Thereza contrahio segundas nupcias com o conde de Trava, no que está de accôrdo com Camões.

Das relações de D. Thereza com o conde de Trava e das violencias, praticadas por ella para sustentar, a todo o transe, o valido, nascen a indignação dos barões portuguezes e a poderosa reacção contra os desmandos, excessos e despotismos de Tareja, açulada pelo conde gallego.

« No reino (diz o Sr. Pinheiro Chagas em sua « Historia de Portugal », tomo 2º, pag. 96) havia tres casamentos: — um, que era o casamento verdadeiro, abençoado pela Igreja; outro, que era apenas o contrato matrimonial, só com effeitos civis, e de que a Igreja, por assim dizer, nem tinha conhecimento official. Chamava-se isto ter marido *conozudo* (conhecido). Finalmente a terceira especie de casamento

valia o mesmo, que a segunda; mas era secreto. Este é o que os clerigos contrahiam.»

Provavelmente era da segunda especie o casamento, que diz Camões, e suppõe o mesmo Sr. Conselheiro Pinheiro Chagas, fôra celebrado entre D. Tareja e o conde de Trava.

* *Moniz se offerta victima...* Por esse tempo, exigio Leão que Portugal reconhecesse os seus direitos de suzerania, de que não estava explicitamente isento. Recusando-se Tareja, Affonso VII invadio Portugal, em 1127.

Affonso Henriques, que então orçava por seus 16 annos e fôra levantado rei nos escudos dos nobres, começava a reagir contra os caprichos de sua mãi. Cercado de seus fidalgos, encerrou-se em Guimarães, onde Affonso VII o veio cercar, exigindo delle o juramento de vassallagem.

Reduzido á ultima extremidade, foi obrigado a dobrar-se ante a supremacia do rei de Leão e prometteu-lhe essa vassallagem, ficando Egas Moniz como fiador da promessa. D. Thereza reconheceu tambem a suzerania de seu sobrinho Affonso VII.

Em 1128 marchou Affonso para Guimarães, onde se achava D. Thereza com o conde de Trava, exercendo o governo.

Nos campos de S. Mamede travou-se a lucta entre o exercito de Affonso e o de sua mãi, declarando-se a victoria por aquelle.

Não é exacta a versão de Camões a respeito da prisão de D. Thereza pelo filho, que (diz o poeta) carregára de ferros aquella senhora. D. Thereza e o conde de Trava foram apenas expulsos do reino.

Depois dessa victoria, negou-se Affonso Henriques ao cumprimento da promessa de vassallagem, feita, em nome delle Affonso Henriques, a Affonso VII por Egas Moniz e

parece que com annuencia, ou quando menos tolerancia do rei portuguez. Moniz, para resgatar a sua promessa, poz-se a caminho, e de baraço ao pescoço e em companhia da mulher e dos filhos, foi a Leão offerecer sua vida e a dos innocentes, *em troca da palavra não cumprida*, como diz Camões.

O rei, admirando este grande exemplo de lealdade, acolheu benignamente o cavalheiro e o despedio com altas provas de estima.

[5] *Arma de fina tempera*
De Ismar o craneo abóla.

Resam chronicas do tempo que Ismar fugira. A versão de Camões parece estar de harmonia com os seguintes versos de Bocage:

« *Ouvio do rei dos reis a voz sagrada*
Da lusa monarchia o rei primeiro;
E aos duros golpes da tremenda espada
Fez que mordesse a terra Ismar guerreiro. »

[6] *Sente-se o Mouro Hesperico... Mouro Hesperico* é Mouro da Hespanha, pois os antigos chamavam a Italia — Grande Hesperia —, e a Hespanha — Pequena Hesperia.

[7] *Affonso, quasi invalido,*
Parte, a acudir o filho...

Já entrado em annos e quasi aleijado de uma perna, Affonso Henriques foi sitiado e vencido em Badajoz, que o rei Fernando entendia pertencer a Leão. Prisioneiro o rei de Portugal, e prompto a renunciar a corôa, vio-se quite pela restituição das provincias, que invadira. Affonso Henriques desanimára; o velho leão da guerra perdêra as garras. Si-

tiado pelos Mouros, em Santarém, e apezar de soccorrido por Fernando, de Leão, negociou tregoas com os Sarracenos. Sancho, filho de Affonso, rompeu essa tregoa, devastando, em 1178, os arredores de Sevilha. Iussuf Abu Iacub acudio da Africa, em soccorro dos seus; nada, porém, pôde fazer, porque foi obrigado ao regresso, para dominar as insurreições de seu reino africano. Sancho conseguio victorias.

Voltou Iacub a Hespanha, em 1184, á frente de formidavel exercito, e pôz cerco a Santarém, que resistio, até que chegou o velho Affonso Henriques, commandando as intrepidas hostes, já acostumadas a vencer os Musulmanos.

Esvaeceu-se, como sombra, o poder de Iussuf, que fugio ferido e foi morrer em Algesiras.

A cidade de Lisboa resistio, com igual heroicidade, sahindo triumphante do assedio.

Foi o ultimo feito de armas do glorioso fundador da monarchia lusa, pois em breve cahio, para não mais se erguer, sobre um montão de palmas e grinaldas. Em 6 de Dezembro de 1185 fechou os olhos á luz do mundo o valente lidador.

[8] *Presta o fiel Teutonico*
A Sancho o auxilio seu;
Silves, sujeita aos Arabes,
Aos Lusos se rendeu.

Silves, a antiga e florescente capital do Algarve, fundada pelos Curetes (antigos Portuguezes), em 450 antes do Christo, era uma das mais fortes praças de guerra dos infieis.

Sancho I, filho e successor de Affonso Henriques, pôz mira em conquistal-a.

Emquanto para esse fim se apercebia, aportou, acossada por tempestades, a Lisboa, uma frota que, indo caminho da

Syria, se destinava ao resgate do Santo Sepulcro. Convidou Sancho esses cruzados para o auxiliar na conquista da mencionada praça forte, promettendo-lhes grande parte nos despojos do inimigo.

Aceito o convite, reuniram-se os cruzados ás tropas de Mendo de Souza; apertando o sitio em torno ás muralhas de Silves, reduziram-n'a, após tenaz e prolongada resistencia. O alcaide Albaino, urgido pela sêde (bem como os habitantes da fortaleza), capitulou, sendo a capitulação aceita com todas as honras da guerra.

Os cruzados da frota eram allemães, flamengos e inglezes. E' por isso que Camões a appellida armada germanica, ou teutonica (que vale o mesmo).

Já em tempo, proximamente anterior, tinha-se reunido o rei com os Portuguezes a outro corpo de cruzados em passagem (Frisões e Dinamarquezes), que lhe prestaram concurso na tomada de certos castellos e povoados do Algarve, pelo que assumio Sancho o titulo de *rei do Algarve*.

A segunda turma de cruzados que, unida aos Lusos, tomou Silves, tinha por capitães o landgrave da Thuringia, e os condes de Bar e de Brain.

Sancho abandonou, em 1191, o titulo de rei do Algarve, pois Iacub lhe retomou Silves, Almada, Alcacer e Palmella, deixando-lhe apenas Evora e por limite o Tejo.

O resto do reinado de D. Sancho I consumio-se em luctas com o clero, acabando o rei por ceder e curvar-se ao Papa Innocencio III, em grave detrimento das prerogativas da corôa.

Sancho I, que bem mereceu o epitheto de *Povoador*, pois se occupou na empreza de povoar e organizar seu reino, falleceu em 1212, aos 57 annos de idade, tendo reinado 26 annos.

Nascera em 1154.

[9] *Toma outro Affonso Alcácere...* Affonso II, cognominado o *Gordo*, por sua obesidade, nasceu em 1185 e falleceu em 1223, subindo ao throno aos 25 annos.

Em 1217 rehouve dos Mouros Alcacer do Sal, que seu avô Affonso Henriques conquistára, em 1189, mas que volvêra, em 1191, ao dominio sarraceno, reconquistada por Abu Abdallah. Foi, nesta expedição, coadjuvado por uma companhia de cruzados, que da Hollanda se dirigia á Syria e tocára em Lisboa.

[10] *Vai outro Sancho ao throno,*
Deixando a causa publica
Perder-se no abandono.

Sancho II, que teve o epitheto de *Capello*, nasceu em 1209 e morreu em 1248. Contava 14 annos, quando falleceu seu pai Affonso II.

Durante sua menoridade, governaram os velhos ministros de Affonso II, que não puderam resistir ás exageradas pretenções da audaciosa nobreza e do clero ambicioso.

Nobreza e clero, ganhando preponderancia, em proporção da fraqueza dos mencionados ministros, substituiram sua influencia á da realeza, de modo que assoberbaram o poder do monarcha, quando este empunhou as redeas do Estado.

Desanimado ante a resistencia hostil desses insubordinados vassallos, abandonado pelos ministros, a quem faltava resolução para debellar os refractarios, Sancho II foi deposto, em 1245, pelo Papa Innocencio IV, em virtude de resolução do concilio de Leão.

De nada lhe valeram as brilhantes victorias, que esse principe alcançára em verdes annos, conquistando Elvas, Aljustrel, Jurumenha, Serpa, Mertola, Tavira e outras praças.

Morreu exilado, em Toledo, no anno de 1248.

Ficaram-lhe fieis á memoria Martim de Freitas, alcaide-mór de Coimbra, que só entregou as chaves desta fortaleza quando, em Toledo, se certificou da morte do rei, e Fernão Rodrigues Pacheco, alcaide-mór de Celorico.

Entregára-se ao ocio e á molleza, depois de seu casamento com D. Mecia Lopes de Haro, cuja perniciosa influencia sobre o rei e sobre o reino irritou a nobreza e o clero.

[11] *Affonso, a quem o epitheto*
Deram de Bolonhez...

E' o successor de Sancho II. Nasceu em Coimbra, em 1210, e falleceu em 1279. Foi cognominado — Bolonhez — por haver casado com a princeza Mathilde, condessa de Bolonha.

Extinguio no Algarve os restos da dominação arabe.

[12] *Reina Diniz magnanimo...* D. Diniz (o *Lavrador*), filho de Affonso III, nasceu em 1261 e falleceu em 1325. Deveu o cognome de *Lavrador* á protecção, que prodigalisou á agricultura.

Discipulo do sacerdote francez Aymeric d'Ebrard, mais tarde bispo de Coimbra, recebeu esmerada educação, ficando versado em todas as disciplinas do tempo, para o que tambem contribuio o portuguez D. Domingos Jardo, depois bispo de Lisboa.

Fundou uma universidade em Lisboa, em 1290, transferindo-a para Coimbra em 1307.

Inspirado pelas musas, deixou notaveis provas de seu estro no «Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz.» Libertou Portugal do feudo, que pagava a Castella pelo dominio do Algarve.

Casou-se, em 1282, com a princeza D. Isabel, depois canonisada, e que era filha de D. Pedro III, rei de Aragão.

Teve de luctar em campo armado com seu irmão D. Affonso Sanches, que se julgava com direito á corôa de Portugal, e depois com seu proprio filho. Graças á intervenção de Santa Isabel, não tiveram esses conflictos resultados fataes, acabando em reconciliação.

A insubordinação do filho, que depois reinou, com o nome de Affonso III, teve por motivo o ciume, que este nutria dos irmãos bastardos, filhos de D. Diniz, e principalmente de Affonso Sanches, a quem o pai queria legitimar. A guerra entre pai e filho acabou, fazendo aquelle a este concessões, mais proprias de pai, que perdoa, do que de rei, que pune.

[13] *Das lettras o Mecenas.* Mecenas era um patricio romano, valido de Augusto e protector dos poetas, principalmente de Horacio e Virgilio. Chamam-se, por antonomasia, — Mecenas — os protectores dos homens de lettras.

[14] *Que sobe, altivo, ao Hélicon*
Nos braços das camenas.

O Hélicon era um celebre monte da Beocia, nos confins da Phocida, consagrado a Apollo e ás musas. Nascia delle a fonte Hippocrene.

Dava-se ás musas o nome de camenas, por causa da suavidade de seu canto. Camenas vem de *carmen* (verso) e *canere* (cantar).

[15] *O quarto Affonso insurge-se*
Contra seu proprio pai;
Mas o celeste anathema
Na fronte não lhe cai.

Não o ferio a maldição divina, porque a santa rainha Isabel invocou para o filho a misericordia divina e o pai lhe

concedeu perdão no leito da morte, por vel-o contricto e arrependido.

Affonso IV o *Bravo* nasceu em 1290 e falleceu em 1357, com 66 annos, tendo reinado 32. Logo que subio ao throno, perseguio a seu irmão D. Affonso Sanches, esbulhando-o da herança paterna. Reconciliou-se, afinal, com elle, após encarniçada guerra. Tambem viveu em divergencia com D. Affonso XI, de Castella, não só porque este maltratára D. Maria, filha do mesmo Affonso IV, com quem aquelle se casára, como porque o rei de Castella fizera opposição ao casamento de D. Pedro, herdeiro da corôa de Portugal, com a infanta D. Constança.

[16] *A esposa formosissima*
De Affonso de Castella...

Depois de porfiada e diuturna guerra com Affonso XI, de Castella, concluio Affonso IV com este rei e com o de Aragão um tratado de alliança offensiva e defensiva.

Os conselhos do Papa Benedicto XII e a necessidade de se munir e aperceber de meios de resistencia e defesa contra os Mouros, que lhe ameaçavam invadir os Estados, determinaram essa resolução do rei castelhano.

Reinava Abul-Hassan em Marrocos e Iussuf Abul-Hagiag em Granada. Abul-Hassan destroçou a armada castelhana, commandada pelo almirante Tenorio. Folgou com esse desbarato o rei de Granada e preparou-se para auxiliar Abul-Hassan na expedição contra a Peninsula Hispanica, a pretexto de se vingar dos Christãos, que lhe haviam trucidado um filho.

Aterrado Affonso XI, de Castella, com a imminente invasão, pedio a sua esposa Maria, filha de Affonso IV, que fosse a Portugal implorar auxilio, para debellar as forças reunidas dos dois reis infieis.

A necessidade da propria segurança, mais que o amor paterno, fez com que Affonso IV accedesse á supplica do Castelhano, levando-lhe o contingente militar, que pôde colher em Portugal.

Ia-se decidir da sorte da Hespanha nos campos da Andaluzia.

Era numerosissimo o exercito do Granadil e formidavel a sua esquadra.

Vencida pelos christãos a batalha naval de Tarifa, veio a tempestade dispersar a armada christã. Foi por esse tempo que appareceu Affonso IV em Sevilha, á frente de luzidas tropas.

Marcharam juntos os dois monarchas, com seus guerreiros, e tiveram recontro com o inimigo nas margens do rio Salado.

Affonso IV destroçou a gente de Iussuf e Affonso XI a de Abul-Hassan. Este refugiou-se em Gibraltar e aquelle passou, por mar, á Granada.

Estava salva a Peninsula Iberica da dominação arabe, que a ameaçára.

[17] *Que leve aos plainos beticos... Plainos beticos.* Planicies da Andaluzia. Betis é o rio Guadalquivir, que banha Sevilha, na Andaluzia, região meridional da Hespanha.

[18] *De Ignez o caso tetrico...* A respeito de Ignez de Castro veja-se a nota 7 do 1º canto.

[19] *Do azul Mondego as Nayades... Nayades.* Nymphas dos rios. Veja-se a nota 9 do canto 1.º

[20] *Pedro aos malvados aulicos*
Inflige atroz castigo...

Veja-se a nota 7 do canto 1.º

Pedro I, cognominado o *Crú* ou o *Justiceiro*, nasceu em 1320 e morreu em 1637.

[21] *Veio, em seguida, o frivolo,*
Ignavo rei Fernando,
Que á vil amante adultera
Do reino entrega o mando.

Fernando I, cognominado o *Formoso*, nasceu em 1345 e falleceu, com 38 annos, em 1383. Subio ao throno em 1366, com 21 annos, e reinou 16.

Remisso e sem cuidado algum o chama Camões.

Forçoso é confessar que estas qualidades não as recebeu elle da natureza, pois, em principios de seu reinado, deu impulso á navegação, animou o commercio exterior e cercou de muralhas Lisboa, Evora e Santarém.

Empenhando-se, porém, n'uma imprudente guerra, motivada pelo desejo de succeder no throno de Castella a Pedro o *Cruel*, esbanjou nella os dinheiros do erario, acabando, após dois annos de lucta, por firmar pazes, uma de cujas clausulas era sua união com a filha do rei de Castella.

Faltando á promessa, como já anteriormente o fizera em relação a outros consorcios, casou, em Santarém, com D. Leonor Telles de Menezes, mulher de João Lourenço da Cunha, o qual se retirára para Castella, depois de annullado seu consorcio com Leonor, a pretexto de parentesco entre os dois esposos.

Depois deste adultero enlace, que provocou a indignação popular, abateu-se o caracter do rei, que se tornou indigno e cobarde, arrastando na lama o nome portuguez, tão temido e honrado em consequencia dos gloriosos feitos dos egregios filhos de Lisia.

Entregando-se, de corpo e alma, á Circe, que o seduzira e lhe roubára siso e brio, deixou que ella cevasse os ferozes odios nos fidalgos e plebeus, que a anathematisavam. Deshouve-se Fernando, outra vez, com Castella, offendendo a

Henrique de Transtamara, e, alliando-se com o duque de Lencastre, rival deste principe, tambem pretendente á corôa daquelle reino, precipitou, por duas vezes, a patria nos horrores da guerra. A vinda do conde de Cambridge, com suas tropas, a Lisboa, a titulo de auxiliar, marcou uma época de saque e devastação nas povoações portuguezas. No fim de seu reinado mostrou, comtudo, Fernando grande actividade no desenvolvimento material do reino.

Morto D. Fernando, ficou por unica successora sua filha D. Beatriz, que houvera de D. Leonor, e casada com D. João I, de Castella.

Regeu o reino a viuva de Fernando, cujas criminosas relações com o conde Andeiro augmentavam o odio, de que essa mulher era objecto.

CANTO IV

ARGUMENTO

Morre D. Fernando. Assassinato de João Fernandes Andeiro, conde de Ourem, amante de D. Leonor Telles. Pretenções de Beatriz, filha de D. Leonor e rainha de Castella, ao throno de Portugal. Arrojada apóstrophe de D. Nuno Alvares Pereira aos fidalgos e cabos de guerra portuguezes, que aconselhavam D. João, Mestre de Aviz, acclamado rei, a não aceitar batalha dos Castelhanos. Incitados os brios pelas phrases energicas do valoroso guerreiro, fere-se a peleja, sendo o inimigo completamente desbaratado, em Aljubarrota. Foge o rei de Castella para seus Estados.

Tomada de Ceuta, na Africa.

Succede a João I Duarte II. D. Fernando (o Infante Santo) fica prisioneiro em Ceuta e morre no carcere.

Reina, depois, D. Affonso V. Conquista de Tanger e Arzilla. E' vencido o rei por Fernando de Aragão, cujo reino invadira. Auxilia-o seu filho D. João, ficando, afinal, duvidosa a victoria.

D. João II. Tentativa de descobrimento da India. Não voltam a Portugal os exploradores do Oriente. D. Manuel I. Sonho deste monarcha. Expedição de Vasco da Gama. Exprobração do velho de aspecto venerando aos Portuguezes pela temeraria empreza, cujo movel era a ambição de conquistas e a cobiça do mando.

CANTO IV

Dos negrumes, que a patria enluctavam,
Emergio um clarão de bonança ;
Pois Joanne —o dilecto do povo [1] —
Traz ao reino a perdida esperança.

Morre Andeiro, —o perverso valido, —
Junto aos pés da impudica Leonor ;
Corre o sangue, e Lisboa, assombrada,
E' theatro de scenas de horror.

De Leonor e Fernando era filha
Beatriz, de Castella rainha [2];
Assental-a no throno dos Lusos
A Leonor e Castella convinha.

Junta forças João de Castella ;
Vai, pujante, invadir Portugal.
Contra aquelles que, tibios, vacillam,
Ergue Nuno um protesto leal [3].

« Póde haver quem os fóros da patria
Não sustente, brioso ! (exclamava) ;
Descendeis dos valentes de Ourique,
E esta terra quereis ver escrava ? !

Eia, sus ! gente forte e invencivel !
Avançai contra as hostes guerreiras ;
Como vossos avós o fizeram,
Decimai de Castella as fileiras.

E, si fordes tão vis e covardes,
Que do ousado inimigo fujais,
Vencerei todas essas phalanges,
E outras muitas, si houver inda mais. ».

Já dos peitos se espanca o receio,
A's palavras de Nuno esforçado ;
Qual prepara a luzente armadura,
Qual adestra o ginete arreiado.

E, do exercito á frente, Joanne
Marcha, em meio de bençãos ardentes ;
Inimiga celeuma recebe
As cohortes dos Lusos valentes.

Dando, féra, o signal do combate,
Castelhana trombeta estrondeia ;
E, na extensa campina espalhado,
Arrogante, o inimigo pompeia.

Guadiana [5] recúa, de espanto ;
Longe — os ecos do Artábro [6] gemeram ;
Abraçaram-se as mãis aos filhinhos ;
Muitos fortes no prelio tremeram.

O tropel dos fogosos ginetes
Pelos campos além repercute ;
O tremendo trovão da refrega
Grande medo nas almas incute.

Teve o rei de bater Portuguezes,
Que na lucta os irmãos aggrediram [7] ;
Mas, a golpes crueis de montante,
Os infames traidores caíram.

Juncam mortos o chão da peleja ;
Tomba d'haste o inimigo estandarte ;
Foge o rei de Castella, vencido,
E a seu reino, apressado, se parte [8].

Mas D. Nuno, que a gloria das armas
Alto préza, affrontando o perigo,
Passa o Tejo, e victoria brilhante
Vai ganhar no terreno inimigo [9].

Tendo em terra ultimado as conquistas,
Eis Joanne sulcando o oceano ;
Toma Ceuta, expellindo Agarenos [10] ;
Firma posse no sólo africano.

De Duarte foi breve o reinado
E curtido de grande afflicção [11];
Pois captivo ficára dos Mouros
D. Fernando [12], seu misero irmão.

Outro Affonso triumpha de Arzilla,
E em Castella (oh desdita!) é vencido [13];
Por salvar a seu pai balda esforços
D. João — o soldado aguerrido.

Partem Lusos, a vêr si descobrem
O do Prestes João grande imperio [14];
Vai a Europa do antigo Oriente
Devassar o vedado mysterio.

Mas os fortes, que a plagas estranhas,
De João a mandado, aportaram [15],
Não reviram o seio da patria
E entre gente infiel acabaram.

Manuel toma o leme do Estado.
Pondo mira na empreza encetada:
E por mar, inda virgem de quilhas,
Guia Vasco dos Lusos a armada [16].

Certa noite, em que o rei, no seu leito,
N'esses graves projectos pondera,
Adormece e, n'um sonho [17], imagina
Que subira ao mais alto da esphera.

D'esse ponto, fitando o recesso,
D'onde a aurora costuma nascer,
Vê do cimo de montes vetustos
Duas limpidas fontes correr.

Pés humanos jamais perlustraram
Essas grandes, longinquas montanhas,
Onde vivem em mattas cerradas
Aves mil, alimarias estranhas.

Surgem d'agua dois velhos, que estilam
Bastas gottas das barbas compridas;
São de agreste, mas nobre semblante;
Têm as côres da tez denegridas.

Trazem ambos grinaldas de rama,
Que em torrão estrangeiro brotou.
Um, que mostra cansada presença,
Como quem muito andára — exclamou:

« Já que o céo quer as Indias curvadas
A teu jugo, monarcha *feliz*,
Vem; é tempo; recebe os tributos;
Vem domar nossa altiva cerviz.

Sou o Ganges; começo o meu curso
D'estas plagas sagradas no seio;
Este o Indo; após varios discrimes,
A final, has de impor-nos o freio. »

D'este sonho a visão lisongeira
Toma o rei por aviso celeste;
E prescreve, sem perda de tempo,
Que a selecta companha se apreste.

Ancião, venerando no aspecto [18],
Quando a armada largou de Lisbôa,
Sobre a feia ambição de dominio
Longo tempo falando, arraôa.

Ouvem todos, de fronte acurvada,
A lição, tão severa e opportuna;
Té que a frota sahio, barra fóra,
Sob o vento, que as velas lhe enfuna.

CANTO IV

NOTAS

[1] *Pois Joanne — o dilecto do povo...*
Morre Andeiro — o perverso valido...

D. João, Mestre da Ordem de Aviz, filho bastardo de D. Pedro I e D. Thereza Lourenço, assassinou, acolytado por seus numerosos partidarios, o conde Andeiro, no paço de S. Martinho, e foi proclamado pelo povo defensor do reino.

[2] *De Leonor e Fernando era filha*
Beatriz, de Castella rainha...

Tinha D. João contra si muitos fidalgos portuguezes, que sustentavam os direitos de Beatriz, filha de D. Fernando e D. Leonor Telles, ao throno de Portugal.

O rei castelhano veio a Lisboa dar combate ao Mestre de Aviz e pugnar pela causa da filha de Leonor. Foi então que o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, congregando em torno do estandarte das quinas os amigos do filho de D. Pedro I, desbaratou João de Castella, na batalha dos Atoleiros, sendo o Mestre de Aviz, após deliberação das côrtes de Coimbra, que declararam vago o throno, acclamado rei, sob o nome de D. João I.

Os restos do exercito castelhano foram destroçados nas batalhas de Trancoso e Aljubarrota.

N'esta ultima batalha o rei e o condestavel praticaram prodigios de valor, cobrindo-se de gloria.

A descripção d'ella é um dos mais formosos trechos dos *Luziadas*.

D. João I, o *principe de Boa Memoria*, nascido em Lisboa, em 1358, falleceu em 1433.

[3] *Contra aquelles que, tibios, vacillam,*
Ergue Nuno um protesto leal...

Quando D. João I, de Castella, impaciente por vingar-se da invasão, que o rei de Portugal fizera naquelle reino, entrou pela Beira, tomou Celorico, passou por Coimbra e chegou, finalmente, a Leiria, D. João I de Portugal, que então se achava em Abrantes, reunio o seu conselho para consultar si devia dar batalha ao invasor. Dividiram-se as opiniões; uma propendia para que se désse, outra para que se evitasse o recontro.

Foi então que o futuro condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, declarou que elle affrontaria a batalha, ainda que tivesse a seu lado apenas a quarta parte dos soldados, reunidos em Abrantes. «O texto do seu discurso, diz o Sr. P. Chagas, é, pouco mais ou menos tal, como a poetica fala, que o nosso grande Camões lhe põe na boca, adornando-lh'a com todo o brilhantismo de sua eloquentissima poesia; o que mostra, mais uma vez, o profundo estudo, que o nosso poeta nacional fizera das chronicas, antes de escrever a sua magnifica epopéa.»

E D. Nuno, antes de esperar licença de el-rei, pôz-se em campo, forçando D. João I a desculpar-lhe a sublime des-

obediencia e a seguil-o ao combate e á esplendida victoria, que foi o coroamento d'elle.

[4] *E do exercito á frente, Joanne...* Era o proprio rei quem commandava as tropas.

[5] *Guadiana recúa, de espanto;*
Longe — os ecos do Artábro gemeram...

O Guadiana nasce na Hespanha, junto á serra de Alcaraz, dividindo, em certa secção de seu curso, a Hespanha de Portugal.

[6] *Monte Artábro.* Hoje cabo Finisterra.

[7] *Teve o rei de bater Portuguezes...* Pagina de vergonha é esta, em uma quadra de tanto valor e patriotismo! Cains d'esta ordem sempre os houve em todas as nações. Pese sobre a memoria d'esses traidores a publica execração!

[8] *Foge o rei de Castella, vencido,*
E a seu reino, apressado, se parte.

Ainda a batalha não estava, de todo, perdida, quando el-rei de Castella fugia, á redea solta, caminho de Santarém... Não se julgando ainda seguro em Santarém, partio nessa mesma noite para bordo da esquadra, em Lisboa, e d'ahi para Sevilha, n'uma galé... « A batalha de Aljubarrota, diz Schœfer, foi a acção mais memoravel, que se travou entre exercitos christãos, na peninsula.»

(Pinheiro Chagas, Historia de Portugal, vol. 2º, pags. 383 e 385.)

[9] *Passa o Tejo, e victoria brilhante*
Vai ganhar no terreno inimigo.

Foi a victoria de Valverde, perto de Badajoz.

Em 1411 terminou, por um tratado de paz, a guerra entre Castella e Portugal.

[10] *Toma Ceuta, expellindo Agarenos.* Este combate naval foi travado pelos Portuguezes contra os Mouros, em 1415. D'ahi tomou D. João o titulo de — Senhor de Ceuta —, que passou aos reis, seus successores.

Essa expedição deu inicio ás explorações maritimas do infante D. Henrique (o Navegante). Seguio-se-lhe a creação da escola de Sagres e o descobrimento dos Açores, Porto Santo, Madeira, Cabo Verde, etc.

Eis a descripção da tomada de Ceuta:

« Partindo de Tarifa, para o estreito, no dia 12 de Agosto, appareceu a esquadra diante de Ceuta, causando immenso terror aos habitantes... Ceuta pertencia então ao imperio do Emir de Marrocos e de Fez e era seu governador Salat-ben-Salat... Na noite de 21 de Agosto de 1415, ficaram os Portuguezes de guarda ao castello, preparando-se para o atacarem no dia seguinte. Mas, quando os soldados, encarregados disso, se collocaram no seu posto, notaram que um bando de pardaes pousára nas torres, o que, de certo, não fariam si as torres estivessem cheias de gente.

Deram parte de suas desconfianças ao rei que, tendo mandado approximar as tropas, e vendo que no castello não se fazia o mais leve movimento, preparava-se já para mandar arrombar as portas, quando appareceram no alto das ameias um genovez e um biscainho, que disseram terem ficado só elles e que Salat-ben-Salat fugira, com a guarnição. Logo se abriram as portas e o castello foi occupado pelos Portuguezes.»

(Pinheiro Chagas, Historia de Portugal.)

[11] *De Duarte foi breve o reinado*
E curtido de grande afflicção...

D. Duarte I, o *Eloquente*, nasceu em 1391 e falleceu em 1438. Subio ao throno em 1433.

Virtuoso, illustrado, valente e perito soldado, foi um dos mais fulgidos ornamentos do solio portuguez. De sua proficiencia nas lettras deixou elle dois grandes monumentos — os seus livros intitulados « *Livro da ensinança de bem cavalgar* » e o « *Leal Conselheiro* ».

[12] *Pois captivo ficára dos Mouros*
D. Fernando...

D. Fernando é o *Infante Santo*. Na expedição, que fez contra Tanger, em 1437, estipulou D. Fernando a restituição de Ceuta aos Mouros, afim de evitar que todo o exercito portuguez fosse aniquilado. Ficou elle, como refem, e, não querendo as côrtes de Lisboa cumprir o estipulado, permaneceu preso, até que morreu, maltratado pelos infieis.

[13] *Outro Affonso triumpha de Arzilla,*
E em Castella (oh desdita!) é vencido.

E' Affonso VI, *o Afrciano*, nascido em 1432 e morto em 1481, tendo sido acclamado rei aos sete annos de idade. Realisou tres expedições á Africa, tomando na primeira (1458) Alcacer-el-Seghir e na terceira Arzilla e Tanger, sendo, porém, esteril a segunda.

Tentando fazer que valessem seus direitos á corôa de Castella, por cabeça de sua mulher, D. Joanna, filha de Henrique IV, invadio aquelle Estado, sendo vencido na batalha de Tóro em 1476, apezar da heroica bravura, com que, em prol delle, pelejou seu filho D. João, unido aos destemidos cabos D. Gonçalo Peres e D. Duarte de Almeida, verdadeiros leões de bravura.

14 *Partem Lusos, a vêr si descobrem*
O do Prestes João grande imperio...

Succedeu a Affonso V João II, o *Principe perfeito*, nascido em 1455, e fallecido em 1495, tendo sido acclamado rei em 1481.

15 *Mas os fortes, que a plagas estranhas,*
De João a mandado, aportaram...

Faz-se aqui referencia á expedição de Pero da Covilhan e Affonso de Paiva que, a mandado de D. João II, partiram, em procura do reino do Prestes João, a 7 de Maio de 1487.

Diz Ferdinand Dénis, citado pelo Sr. Conselheiro Pinheiro Chagas: « Entre as narrativas maravilhosas, que tiveram curso durante a idade média, não ha talvez mytho, mais geralmente espalhado, do que o do Prestes João...

Contentemo-nos em saber...— que, si a Europa recebeu, desde o meiado do seculo XII, uma vaga noção da existencia na Asia, de um soberano, principe e pontifice a um tempo, entregue a crenças, que eram, ou pareciam ser as de uma seita christã, essa noção, verdadeira talvez, quando se espalhou pelo Occidente, cessou logo, por effeito dos cataclysmos politicos, de ser susceptivel d'uma applicação real. Acrescentaremos (continúa Ferdinand Dénis) a estas palavras tão claras de M. d'Avezac que a tradição moderna, que põe o Prestes João na Abyssinia, é devida, sobretudo depois de João de Lastic, aos viajantes portuguezes e que, desde o principio do seculo XVI, vemos que elles davam officialmente esse nome ao *Negus* da Abyssinia...

Como diz M. d'Avezac, é possivel que a algum principe oriental nessas remotas éras fossem applicaveis as tradições do Prestes João ; mas, si depois combinaram bem com a

entidade real do *Negus* christão da Abyssinia, foi isso mera coincidencia, que nada prova a favor da origem veridica desse mytho dos viajantes... »

« De Napoles (continúa o Sr. Pinheiro Chagas tratando dos expedicionarios) passaram a Rhodes; desta cidade a Alexandria, onde adoeceram de febre, ficando em perigo de vida. Restabelecidos, passaram ao Cairo e dahi a Toar, no sopé do Sinai, ás margens do Mar Vermelho...

Dirigio-se Affonso de Paiva para Suakim, na Abyssinia. Pero da Covilhan embarcou para a India; desembarcou em Cananor, donde passou a Calecut e a Gôa. Tinham aprazado o Cairo, como futuro ponto de reunião.

Pero foi da India ás minas de ouro de Sofála, onde colheu noticias da « Ilha da Lua » ou « Madagascar ». Conhecendo bem as especiarias, tão apreciadas pelos Portuguezes, e julgando conveniente transmittil-as logo aos seus, regressou ao Cairo, em caminho de Portugal, sabendo alli que Affonso de Paiva morrêra. Encontrou-se, então, com dois emissarios d'El-Rei D. João II, que lhe traziam importantes informações de algumas regiões longinquas do Oriente, por elles visitadas, e a recommendação do rei de não desanimarem na empreza, até encontrarem o Prestes João. Um dos taes emissarios (o judeu José) levou a Portugal as noticias transmittidas por Pero da Covilhan. Este embarcou para Ormuz, com o outro emissario (o judeu Abrão) e, demorando-se alli bastante, dirigio-se, afinal, para Adem e depois para a Abyssinia.

Conta Major que o *Negus*, chamado Alexandre, recebeu optimamente Pero, em Choa. O successor desse *Negus* não quiz deixar sahir de seus Estados a Pero da Covilhan, que lá casou e morreu. Ainda vivia em 1515, pois na Abyssinia o encontrou, então, D. Rodrigo de Lima, embaixador de D. Manoel, na côrte do Negus David.»

Assim pois, segundo relata Camões, morreram entre gente infiel e sem reverem o sólo da patria os dois exploradores, que de D. João II receberam a honrosa incumbencia de descobrir os paizes do extremo Oriente.

[16] *E por mar, inda virgem de quilhas,*
Guia Vasco dos Lusos a armada.

Eis a descripção da viagem do Gama, por um notabilissimo chronista:

« A frota, que el-rei D. Manuel mandára ao descobrimento da India, partio de Lisboa no dia 8 de Julho de 1497. Compunha-se ella de quatro navios, n'um dos quaes ia de piloto Pero de Alenquer, que o fôra tambem de Bartholomeu Dias.

Este seguia igualmente a expedição, no rumo da costa de Mina, onde ia fazer o resgate do ouro.

A 1 de Novembro do mesmo anno chegaram a uma angra, que foi denominada « Santa Helena », habitada pelos negros Bosjismans. Trouxeram os Portuguezes para bordo um negro, a quem regalaram e encheram de presentes.

Vieram outros muitos negros visitar o navio, pagando-lhes, em seguida, os Portuguezes a visita.

Fernão Velloso, que se internára até junto das habitações dos selvagens, voltou, perseguido por elles e gritando por soccorro. Dahi proveio um conflicto, em que ficaram feridos alguns Portuguezes, entre os quaes o proprio Vasco da Gama. A aggressão dos negros nasceu de querer Velloso visitar suas casas.

No dia 22 de Novembro, pelo meio dia, foi dobrado o cabo Tormentorio, e no dia 25 fundeava a esquadra na Ilha de S. Braz, entrando Vasco da Gama em amigaveis relações com os Hottentotes.

Partindo, a 15 de Dezembro, dos « Ilhéos Chãos », chegou após calmarias, tempestades e revoltas domadas de sua com-

panha, a uma terra de Cafres, onde foi muito bem recebido, denominando-a, por isso, « Terra de boa g ente ». Isto foi a 10 de Janeiro de 1498. A 22 de Janeiro chegaram ao rio Quilimane, que chamaram « Dos bons signaes », porque ahi encontraram indicios, que os deviam guiar no descobrimento da India.

A 2 de Março fundeava a frota em Moçambique, onde eram innumeraveis os signaes de proximidade das plagas, que procuravam. Pedio o Gama ao cheick (sultão da terra) pilotos, que o conduzissem ao seu destino. Indicou-os o sultão e Vasco da Gama entrou com elles em ajuste. Os Mouros, porém, que negociavam na terra, descobrindo que tratavam com Christãos, resolveram perdel-os. Romperam logo as hostilidades, pelo que o capitão levantou ferro e foi ancorar junto de outra ilha. Sendo ahi aggredido, fez-se de vela para Quilôa, em busca de pilotos.

Forçados a arribar em Moçambique, foram então os Portuguezes atacados pelos indigenas, occultos por detraz das massas de verdura. Houve bombardeio das náus e tomada de duas almadias indigenas. Apavorados os habitantes de Moçambique, bateram em retirada. Partiram os Portuguezes, levando prisioneiro o piloto, que os atraiçoára. Em quanto navegavam, affirmava esse piloto estarem proximos de uma terra de Mouros e Christãos, que dariam bom acolhimento aos da frota. Referia-se elle a Quilôa, onde facilmente entregaria os navios aos Mouros. O vento levou-os para Mombaça, cujo cheick, avisado, por terra, pelo de Moçambique, tramava a destruição dos Portuguezes. Quando, a convite dos naturaes, ia fundear a frota, o rumor da manobra, o alvoroço, que ha sempre a bordo, quando se lança o ferro, e a subita parada dos navios assustaram tanto os Mouros que, julgando-se descobertos, arrojaram-se ao mar, começando pelo piloto, revelando assim, pela fuga, o que Vasco da Gama

nem por sombras suspeitava. Servio de piloto á esquadra para Melinde um Mouro, que em Moçambique pedira passagem para Meca.

Chegaram a Melinde a 14 de Abril de 1493. Alli tiveram melhor tratamento; mas nem Vasco da Gama foi á cidade, nem o rei de Melinde visitou a frota, sendo que se iam tornando hostis as relações entre ambos pela recusa de um piloto christão, pedido ao Melindano. Vasco da Gama só obteve esse piloto, em troca d'um Mouro nobre, que fizera prisioneiro.

A 20 de Maio desse anno, lançava ferro, finalmente, a esquadra, a duas leguas de Calecut. Veio aos navio um Mouro, que saudou, deste modo, em portuguez, aos recem-chegados: « Boa ventura, muitos rubis, muitas esmeraldas; muitas graças deveis dar a Deus, que vos trouxe a terras de tanta riqueza. » Este Mouro era Monçaide. Conhecia os Portuguezes, por ter tido negocios com elles em Oran, onde D. João II mandára navios comprar diversas cousas. Informou elle aos Portuguezes que o rei da terra estava na cidade de Panani; que era conhecido pelo nome de Samoudri-Rajah (Samorim), que quer dizer « o rei da costa ».

Recebeu o rei os enviados com grandes mostras de apreço e, a 27 de Maio, vindo a Calecut, marcou audiencia ao Gama, que se dirigio ao paço com a comitiva de 28 pessoas, sendo introduzido na sala das recepções por um dos catuaes, ou officiaes graduados do paço.

Em audiencia particular, expoz Vasco da Gama ao Samorim qual a missão, de que o encarregára o rei de Portugal, que era a de firmar com o soberano do Oriente um tratado de paz e amizade. Respondeu o Samorim que estava prompto a aceitar a proposta e despedio Vasco da Gama, marcando-lhe um alojamento na cidade, e disfarçando mal o desdem, que lhe inspirava a pouca magnificencia da embaixada portugueza.

Mandou o capitão ao rajah doze lambéis e quatro capuzes de gran, seis chapéos e quatro ramaes de coral e um fardo de bacias (em que havia seis peças), uma caixa de assucar e quatro barris cheios — dous de azeite e dous de mel. Desatou o catual a rir e declarou que o mais pobre dos mercadores de Meca trazia dadivas mais esplendidas. Respondeu o capitão-mór, com altivez, que elle não era mercador e sim embaixador; que si o rei não quizesse os seus presentes, não lh'o daria nenhum.

Depois disto, recebeu-o friamente o Samorim, que se queixou da pobreza das dadivas e quiz ver as cartas do rei de Portugal. Ordenou-lhe, em seguida, mandasse para terra as amostras de mercadoria, que trouxera, afim de as trocar por especiarias.

Não quiz o catual dar aos Portuguezes almadias, que os levassem a bordo de suas embarcações, e ordenou ao Gama fizesse mais proximo de terra o ancoradouro e entregasse á autoridade as velas e os lemes.

Recusou-se a isso o capitão e mandou secretamente dizer a seu irmão e a Nicoláu Coelho que, ao mais leve signal de hostilidade, partissem para Portugal.

Presos por muito tempo, maltratados e privados da necessaria alimentação, estiveram o Gama e os seus, por muitos dias, até que lhe consentiram voltasse a bordo, depois que mandasse vir para terra as mercadorias. Os Mouros não compravam as fazendas e procuravam depreciál-as.

Tendo sido presos pelos naires (officiaes superiores) Diogo Dias e Alvaro de Braga, emissarios do capitão, este, em represalia, reteve a bordo doze dos principaes negociantes e sete de classe inferior, e mandou dizer ao catual por outros seis (que já prendêra anteriormente), que não seriam soltos aquelles, emquanto não voltassem para as náus os dois

Portuguezes e as mercadorias. Não obtendo resposta, levantou ancora a 23 de Agosto ; bordejou e voltou a fundear em frente á cidade a 26. A 28 regressaram os dois Portuguezes para bordo, trazendo uma carta do Samorim para D. Manuel. Vasco da Gama soltou seis mercadores, declarando que soltaria os outros quando recebesse as fazendas. Não sendo estas remettidas e sim umas amostras, fez-se o capitão de vela para Portugal no dia 29 de Agosto de 1498, levando comsigo Monçaide e trese Indios prisioneiros. Demoraram-se em Calecut tres mezes.

No dia 29 de Julho de 1499 singrava Nicoláu Coelho pela barra do Tejo, onde Vasco da Gama só a 29 de Agosto chegou. Durára sua viagem 25 mezes e 21 dias.»

Em 1498 fôra dobrado o cabo da « Boa Esperança » (até então cabo Tormentorio) por Bartholomeu Dias.

Camões, porém, affirma que D. João II mandou uma expedição, a descobrir as Indias, onde ella chegou e d'onde não regressou. O que resa a historia é que este rei, antes de fallecer, tinha já prompta a armada para esse fim.

Succedeu-lhe o sobrinho de Affonso V — D. Manuel, cognominado o *Afortunado* ou *Venturoso*, mais por ter cingido a corôa inesperadamente e contra todas as previsões (como diz o Sr. Conselheiro Vialle), do que por causa da brilhante serie de descobrimentos, que illustraram seu reinado.

Entre os primeiros figuram o de Vasco da Gama em relação ao cabo da « Boa Esperança », e de Pedro Alvares Cabral, em relação ao Brasil — dois factos importantisimos do seculo, que mudaram a face do mundo, e foram consequencia do impulso, que o infante D. Henrique dera á navegação.

Soube D. Manuel comprehender e executar os vastos planos de seu antecessor.

Vasco da Gama, completando a tarefa de Bartholomeu Dias, sahio de Lisboa em 8 de Julho de 1497 e pojou em Calecut, nas Indias, em 20 de Maio de 1498, sendo, ao voltar á patria, nomeado Conde de Vidigueira e almirante do mar das Indias.

Vasco da Gama fez tres viagens á India, vindo, na terceira, a fallecer em Cochim, em 1524, com 56 annos de idade, aos 25 de Dezembro de 1525.

[17] *Adormece e n'um sonho imagina...* O sonho, que Camões attribue a D. Manuel, é pura invenção poetica.

[18] *Ancião, venerando no aspecto...* E' outra ficção de Camões, de que decorre uma proveitosa lição de moral.

Após tão gloriosa carreira, finou-se D. Manuel, com 52 annos de idade. Nasceu em 1469 e falleceu em 1521.

Em D. Manuel finda-se a historia de Portugal, narrada por Camões no IV canto dos *Luziadas*. Pára, naturalmente, o poeta no reinado dêsse rei, porque foi então que se abrio o caminho maritimo para as Indias; bem que Vasco da Gama emprehendesse terceira expedição, sob D. João III, e Camões vivesse no tempo de D. Sebastião.

CANTO V

ARGUMENTO

Sahe a frota do Tejo e entra no alto mar. Descreve o Gama sua navegação e a tempestade, que desabou sobre a frota. Avistam terra. Ancoram. Vem a bordo, trazido por um marinheiro, que desembarcára, um preto autóchthone. Anima-se Fernão Velloso a saltar em terra; volta apressado, porque os indigenas o perseguem a pedras e frechadas. Partem. Passados cinco dias, chegam ao Cabo Tormentorio. Adamastor; sua descripção e historia. Aporta em outra paragem da costa da Africa, cujos naturaes, que são de indole mais doce e trato mais humano, recebem os Portuguezes com bailes e festas. Nenhuma noticia da India ahi colhe o Gama. Refresca e toma aguada.

Chega, depois, a novo povoado, onde os habitantes lhe falam em arabe. Surge em Moçambique. O que ahi succede e o que se segue, até a chegada a Melinde, já ficou narrado nos cantos anteriores.

CANTO V

Mas já cançados vão os fortes navegantes,
Só vendo mar e céo em tão comprida rota ;
Ouve-se, d'alta gávea, o brado : «Terra, terra !»
E singra para o porto a lusitana frota.

Habita raça negra o sólo, que descobrem ;
E' gente primitiva, estupida, selvagem ;
Fala por ademães ; nenhum dos Portuguezes
Póde lhe perceber a singular linguagem.

E quando, confiado em mostras de amizade,
Desce Velloso [1] á terra e vai subindo o oiteiro,
A cafila traidora, a settas e pedradas,
O faz voltar ás náus, em passo bem ligeiro.

Deixam a praia ingrata ; os ventos são galernos ;
Cortam suavemente os não sulcados mares ;
Quando, em tranquilla noite, o temeroso vulto
De nuvem carregada expande-se nos ares.

Estruge, ao longe, o mar, bramindo impetuoso,
Qual si, em vão, açoitasse esteril penedia ;
Os nobres corações de susto desfallecem,
E prece fervorosa o Gama aos céos envia.

Medonha surge, então, do céo no fundo escuro
Figura colossal, de proporções disformes [1] ;
Torva-lhe intonsa barba o carrancudo senho ;
Cavos olhos afunda em orbitas enormes.

Na fronte se lhe apinha enxovalhada grenha ;
E' livida do rosto a côr terrena e baça ;
Rangem na boca negra amarellados dentes ;
Tem na postura má esgares de ameaça.

O rouco tom da voz é qual trovão medonho,
E como si o soltasse o mar do fundo abysmo ;
Fatal estremeção, gelado, horripilante,
Correu por quem o ouvio, do horror no paroxysmo.

O monstro futurou torrentes de desgraças,
Vingança e mal, sem conto, aos Lusos valorosos ;
Predisse a quem passasse os terminos vedados
Naufragios, perdições, castigos horrorosos.

Predisse de Leonor [2] a sorte miseranda,
Lançada pelo mar em aspera fragura ;
Vendo morrer á fome os filhos innocentes,
Despida, exposta ao sol, em transes de amargura.

Predisse o triste fim dos dois fieis esposos,
De lagrimas regando a praia inexoravel ;
E da prisão formosa as almas exhalando
Em deliquio de amor, seraphico, adoravel.

Contou como, buscando a armada de Neptuno [4],
Vira Tethys [5] na praia, inteiramente núa ;
E, perdido de amor, á nympha, para sempre,
Deixou, de todo, presa a liberdade sua.

Contou de Doris [6] bella o ardil astucioso ;
Contou que, vendo ao longe o vulto idolatrado,
Correu, como insensato, os braços lhe estendendo,
E faces e cabello oscúla, apaixonado.

Mas, suppondo afagar a nympha de seus sonhos,
Ao seio conchegava um monte pedregoso,
Beijando, delirante, asperrimo penedo,
Tomado pelo rosto angelico, formoso.

Contou como de Jove os rispidos castigos,
Dados a seus irmãos [7], na fronte lhe pesaram :
Como se lhe volveu a carne em terra dura,
E os ossos em fraguedo, alfim, se transformaram.

Deu fim á narração com chôro lamentoso,
Que, além, repercutio nas cavernosas fragas ;
Desfez-se em leve bruma a fórma gigantêa,
E, qual humido véo, pairou por sobre as vagas.

CANTO V

NOTAS

[1] *Velloso*. Veja-se a nota 16 ao Canto IV.

[2] *Medonha surge, então, do céo no fundo escuro*
Figura colossal, de proporções disformes.

Este episodio de Adamastor é, no meu fraco entender, o mais sublime trecho de poesia, que tenha produzido o engenho humano.

A enarguea da *figura robusta e valida* que, ao clarão dos relampagos, se desenha aos olhos dos novos argonautas, debuxando no fundo da nuvem a sua *disforme e grandissima estatura*, *o rosto carregado*, *a barba esqualida*, *os cabellos crespos e cheios de terra*, escancarando uma *boca negra e de amarellados dentes*, é o quadro mais iconico, sensibilisado por humano pincel, guiado por divina inspiração.

Esse vulto, de extraordinaria originalidade, fica, desde logo, profunda e indelevelmente gravado na imaginação de quem lê a soberba descripção, escripta em admiraveis versos e com delineamentos de mão de mestre.

Nem o Polyphemo de Homero e de Virgilio — Cyclope, a quem fôra arrancado o unico olho, e que abordôado a um bastão, feito de um tronco de pinheiro, persegue a frota de Ulysses pelas aguas do mediterraneo, onde nunca deixa de tomar váu ; nem o Gargantúa e o Pantagruel de Rabelais, nem os gigantes de Gulliver, nem o Micromegas de Voltaire offerecem feições, que se pareçam com as de Adamastor — personificação do *Cabo das Tormentas*, no qual finge o poeta que esse *Filho da Terra* fôra transformado, em castigo de haver tentado escalar o céo e roubar o raio a Jupiter.

Adamastor é creação exclusiva da phantasia de Camões.

Este gigante é um dos Titans, que se rebellaram contra Jupiter. Fazia guerra a Neptuno, de cuja armada andava em busca. Numa de suas excursões maritimas, vio Tethys, despida para banhar-se no mar.

Namorou-se da formosa princeza dos mares. Doris, a quem Adamastor tomára por confidente, revelou a Tethys o amor do gigante. A esposa de Peleu marcou-lhe entrevista em logar certo e em noite determinada. Adamastor, que desistira da guerra, só para ser agradavel á idolatrada nympha, atirou-se apaixonadamente ao vulto que, de longe, lhe pareceu o della. Triste decepção ! Só abraçou um pedregoso monte, só beijou asperrimo penedo, que julgára serem o corpo e o semblante da cruel divindade! Após esta decepção, foi convertido no cabo, que era antigamente « das Tormentas » e hoje « da Boa Esperança ».

Ovidio não ideiou mais bella e apropriada metamorphose.

Nenhuma parecença tem com a figura de Adamastor a imagem da Patria plangente, que finge Lucano apparecêra a Julio Cesar, na vespera da batalha de Pharsalia. Para nos convencermos desta verdade e provarmos a sem

razão da analogia, que entre os dois episodios encontrou o padre J. A. de Macedo, basta citarmos os versos seguintes, do 1º livro da « Pharsalia » :

Vindo do tenue Rubicon ás bordas,
Surge-lhe á vista a grandiosa imagem,
Tristissima, da Patria, a destacar-se,
Clara e distincta, dentre os véos da noite.
Da turrigera fronte as cãs lhe descem
Pelas espaduas e, firmando a face
Nos braços nús, lhe diz, gemendo afflicta.

« O episodio de Adamastor (diz Voltaire) é grande em todas as partes do mundo. Esta ficção ha de ser admirada em todos os tempos e entre todas as nações.»

[3] *Leonor.* E' D. Leonor de Sá que, com seu esposo Manuel de Souza de Sepulveda e seus filhos, perecêra nas areias ardentes de uma praia da Cafraria. Este deploravel accidente forma o assumpto do *Naufragio de Sepulveda*, poema de Jeronymo Côrte-Real.

[4] Neptuno, em grego *Poseidon.* Deus, filho de Saturno e de Ops e irmão de Jupiter, de Plutão e de Juno. Quando se repartio com Jupiter e Plutão a herança de Saturno, ficou Neptuno com o imperio das aguas e foi chamado o deus do mar. Ops, ou Rhéa, salvou-o, e tambem a Jupiter, do furor paterno, isto é, de ser devorado por Saturno, e entregou-o a uns pastores, que o criaram. Tanto que cresceu, desposou Amphitrite, sendo expulso do céo com Apollo, por quererem ambos conspirar contra Jupiter.

Disputou, em vão, com a deusa Minerva sobre qual dos dois daria nome a Athenas. E' representado sobre um coche, em fórma de concha, tirado por dois cavallos marinhos e de tridente em punho.

Dá-lhe Virgilio o sobrenome de *Æyeu*, por causa de um templo, que esse deus tinha em *Æye*, cidade da ilha Eubêa.

O nome *Poseidon*, identico ao sanscrito — Idaspati — significa o *senhor das aguas*. E' possivel, pois, que não passasse este nome de um epitheto, applicado ao deus, que ajunta as nuvens, carregadas de chuva, e que derrama sobre a terra as aguas do céo. Esta palavra teria designado as funcções divinas, mais tarde expressas no epitheto — pluvioso — frequentemente dado a Jupiter. Quando os antepassados dos Gregos conheceram o mar, transportaram, de certo, o nome de Poseidon ao poder divino, que habita o mar, dominio, por excellencia, das aguas. Esta significação de Poseidon prova, ao mesmo tempo, que elle é o deus do elemento liquido sob todas as fórmas, o deus dos rios, que regam e fecundam a terra, e das fontes, que della brotam.

Em certos mythos do continente grego domina este caracter de Poseidon; mas, para as populações das costas e ilhas, de cujas crenças se occupam, de preferencia, os poemas homericos, Poseidon é — unicamente — rei do mar.

O palacio deste deus (no mar *Æjeu*) situado na luminosa profundeza das aguas, é uma periphrase que exprime o movimento impetuoso das ondas, pois esse palacio está, ora n'um ponto, ora n'outro, sem posição geographica determinada.

Umas vezes, é Neptuno figurado como o deus da navegação facil, que apazigua as vagas, adormecendo-lhes as coleras e tendo por attributo o golphinho, symbolo da serenidade do oceano. Outras, é conhecido como o nume feroz, intratavel, de coleras fragorosas. Sua cabelleira sombria é a imagem das vagas, ennegrecidas pela tempestade. Na Odysseia, é elle quem, para perder Ulysses, amontôa as nuvens, subleva as ondas e desencadeia os ventos.

[5] *Tethys*. Nympha das principaes do oceano. Era tão formosa, que Jupiter a quiz tomar por mulher; mas deixou de o

fazer, em razão de Protheu haver predito que seria ella mãi de um filho, o qual, mais tarde, se tornaria maior e mais illustre, que seu pai. Casaram-na com *Peleu*, do qual teve Achilles. Nunca houve bôdas mais brilhantes; todo o Olympo, as divindades infernaes, aquaticas e terrestres nellas se acharam; só a Discordia não compareceu, por não ter sido convidada. Para vingar-se, lançou a Discordia na mesa um pomo de ouro, com a seguinte inscripção: *Para a mais formosa.* Juno, Pallas e Venus disputaram-n'o, louvando-se todas, afinal, em Páris, que deu o pomo a Venus. Quando Achilles se vio constrangido a ir ao cerco de Troya, Tethys foi ter com Vulcano, e alcançou deste lhe fabricasse armas e um escudo. Do escudo ella propria fez mimo a seu filho que, durante aquelle cerco, com elle se preservou, muitas vezes, da morte.

Pela antiga *Cosmogonia*, anterior a Hesiodo, todos os deuses devem seu nascimento ao *Oceano*, cuja esposa é *Tethys*. O Oceano é, portanto, o pai gerador; Tethys é a mãi, mãi fecunda, que gera e que nutre. *Tethys* é a agua, considerada em sua acção fecundante; de sua união com o Oceano nasceram tres mil rios e tres mil nymphas. A mythologia fingio, posteriomente, um casamento entre Tethys e Peleu, um dos heróes mais celebres da Thessalia. Desse casamento nasceu Achilles.

[6] *Doris.*— Nympha do oceano. Desposou Nereu, de quem teve cincoenta nymphas, chamadas Nereidas.

[7] *Dados a seus irmãos.* (Titans.) Os *Titans*, em numero de doze, seis masculinos e seis femininos, são filhos do Céo e da Terra. A « Titannomachia » é a lucta dos filhos de Géa e de Ouranos contra os filhos de Cronos (Saturno); Jupiter é seu chefe. Entre os Titans femininos ha duas divindades, que depois se uniram a Jupiter ou, segundo a linguagem

mythologica, se tornaram suas esposas— Themis e Mnémosyne.

Themis, de quem nascêra Diké, é a ideia da ordem e da lei. Mnémosyne é a memoria, a lembrança e a acção do passado, perpetuando-se na duração. Si nessa lucta nem todos os Titans são inimigos dos deuses, é porque Jupiter não póde destruir, sem excepção, todas as forças elementares da natureza. Contentar-se-ha em domal-as no que ellas têm de monstruoso e desordenado, fazendo-as concorrer, por meio de sabia direcção, para o estabelecimento da ordem nova, á qual vai o deus presidir. A lucta com os Titans durou dez annos; interveio nella Jupiter em pessoa, decidindo, finalmente, a victoria os tres gigantes alliados de Jupiter. Arrojando sobre os Titans tresentos rochedos, elles os prosternaram e os mergulharam no Tartaro.

Esta legenda é a restituição poetica, que a imaginação de Hesiodo nos faz, de uma dessas grandes revoluções geologicas, que, outr'ora, revolveram o sólo da Grecia. A lucta dos Titans, separados em dois campos e em dois exercitos, traz á idéa o combate, que na mythologia persa travam os Dews e os Izeds, isto é, os bons e os máus genios; lembra igualmente a lucta dos anjos de Deus contra os anjos de Satanaz, descripta em um livro apocrypho do Antigo Testamento. Considerada, segundo o systema de Otfried Müller, representa a victoria de Jupiter sobre as forças tumultuarias da natureza.

CANTO VI

ARGUMENTO

Festas, dadas ao Gama pelo rei de Melinde. Provida de piloto, segue derrota a armada. Conspira, de novo, Baccho para perder os Portuguezes. Desce ao palacio de Neptuno. Descripção d'esta maravilha submarina. Invoca Baccho o auxilio do deus do mar. Tritão. Concilio dos deuses maritimos. Deliberam estes punir a audacia dos novos argonautas que, mais que os da mythologia, devassam, impunemente, os dominios de Amphytrite. Solta Eolo os ventos para destroçar e submergir as náus portuguezas. Episodio dos doze de Inglaterra, contado por Fernão Velloso. Venus encarrega as Nayades de aplacar os ventos, chamando-os, por meio da seducção de seus attractivos, aos encantados retiros, no fundo do mar. Avistam os nautas a cidade de Calecut, no Malabar. Prece de acção de graças, formulada por Vasco da Gama ao Altissimo, que o conduzira são e salvo áquelle seguro porto da India.

CANTO VI

Sahe a frota de Melinde,
Provída e refocillada ;
Que inda tem, por largo espaço,
Viagem afadigada.

Não soffre Baccho invejoso
Vêl-a andar em rumo certo ;
E inda tenta destroçal-a
Sobre o cérulo deserto.

Desce do rei do oceano [1]
Ao lindo paço marinho ;
Entra, assim, no reino d'agua,
(Caso estranho) ! o deus do vinho.

No sitio, em que o mar se occulta
Em altas, fundas cavernas,
Neptuno e os deuses do argento
Têm as moradas eternas.

Em chão de areia de prata
Pousam torres crystallinas ;
Fulgem, por todas as salas,
Portas d'ouro e pedras finas.

Maravilhosa esculptura
Representa os elementos,
E de Typheu [2] sob o Etna
Os cruciantes tormentos.

Cumprindo paternas ordens,
Tritão o seu busio emboca,
E para os humidos paços
Os deuses do mar convoca.

Tritão [3], filho de Neptuno,
Era seu nuncio e trombeta ;
Tinha feia a catadura,
Grande o corpo, a pelle preta.

Eram limos, prenhes d'agua,
A barba e os crespos cabellos,
Que lhe desciam dos hombros
Nuns enroscados novellos.

Camarões, musgosas ostras,
Mexilhões e caramujos,
Pendem da grenha e se agarram
Aos membros torpes e sujos.

Traz, á guisa de barrete,
Casco de enorme lagôsta,
Que inda conserva, apegada,
De lodo nojenta crôsta.

Inchando as amplas bochechas,
Começa o busio a tocar;
E os seus ecos resoaram
Por toda a extensão do mar.

Acodem todos os deuses
A's ordens de seu monarcha;
Traz a prole o velho Oceano [4],
De todos o patriarcha.

Vem a esposa de Neptuno [5],
Em fino sendal envôlta;
A luz, que vibra dos olhos,
Serena a vaga revôlta.

Sentam-se em solios fulgentes;
Todo o tumulto socega;
Em caçoulas de amethysta
Ambar cheiroso fumega.

Ouvem todos, commovidos,
De Baccho irado os queixumes;
E o deus, em fallaz discurso,
Accende a colera aos numes.

Contra os heróes animosos
Foi dada a cruel sentença ;
A frota no equóreo abysmo
Sumir-se vai, sem detença.

Emquanto os Deuses conspiram,
No mar a esquadra deslisa,
Abrindo placido esteiro,
Ao sôpro de mansa brisa.

Diz Velloso aos que espancavam
O somno, ouvindo romances :
« Mais nos quadra a grave historia
De guerras, de heroicos lances. »

Concordes todos, começa
O provecto cavalleiro :
« Não ides ouvir chimeras,
Mas um caso verdadeiro.

Cortezãos indelicados
Um dia, na côrte ingleza,
Negaram a certas damas
Graça, espirito e belleza.

«— Si alguem contestar (disseram),
É mister que á liça venha ;
Ha de haver quem, lança em punho,
Nossos conceitos mantenha. »

Vão ao duque de Alencastro [6]
Auxilio as damas pedir ;
E elle diz que embaixadores
Cumpre aos Lusos dirigir,

Rogando que venham doze [7],
— Cada qual mais nobre e forte —
Defender as doze damas,
Que os hão de tirar á sorte.

Sem demora, João Primeiro
Licença concede aos pares,
Para acudirem ao repto,
Em combates singulares.

Já no Porto, em náu veleira,
Embarcam os paladinos,
Provídos d'armas, cavallos,
Morriões, arnezes finos.

Sulcam onze o Mar do Norte;
A Londres vêm, afinal,
Onde os recebem clamores
De alegria festival.

Fôra por terra o Magriço,
Que, transpondo os Pyrineus,
Pára em Flandres, sem junctar-se
Aos onze confrades seus.

Eram de ver-se os guerreiros
Envergando armas luzidas,
E as damas, cheias de joias,
D'ouro e de seda vestidas.

Traja lucto a que tivera
Por defensor o Magriço,
Julgando que o paladino
Deslembrára o compromisso.

Senta-se o rei na tribuna,
E ao lado, do reino a escól.
Mastigam freio os ginetes;
Nas armas rutila o sol.

Em face estando onze e doze,
Ouve-se grande tumulto,
E surge, armado e garboso,
De Magriço o nobre vulto.

A dama os negros vestidos
Troca por sedas e galas.
Arrancam já, de investida,
As duas guerreiras alas.

Que estrepito! O chão vacilla;
De horror o sangue se gela!
Quem tinge em purpura as armas;
Quem vôa, longe, da sella.

Este ao corcel bate as ancas
C'o as plumas do capacete !
Vê-se ginete sem dono;
Vê-se dono sem ginete.

A soberba dos Inglezes
Castigada foi, de sobra;
O apreço aos heroicos pares
Com tal victoria redobra.

Dão-lhes banquetes e festas,
Charpas, presentes mimosos;
E ao patrio sólo regressam,
Cheios de gloria e saudosos.

Não volta, porém, Magriço,
Segundo refere a historia;
E, em muitos outros combates,
Conquistou respeito e gloria.

Outro d'elles, na Allemanha,
Venceu um forte Germano.... »
. . . . . .
Nisto, o mestre brada em cima:
« Sus, depressa! — Amaina o panno;

Ferra gaveas e traquete;
A' bomba, que a náu se alaga;
Alija, senão, de prompto,
Toda a companha naufraga. »

Eólo [8] os ventos liberta
Da prisão, que os encerrava ;
E elles correm toda a terra,
Rugindo com furia brava.

Erguem as náus sobre o dorso
D'escarcéo, que busca os astros ;
Pendendo, em vaivem medonho,
Roçam n'agua os altos mastros.

O mar desloca montanhas ;
Revolve as rochas do fundo.
Densa treva os astros cobre ;
Nuta a machina do mundo.

Vôam velas em farrapos ;
Cahe a verga, a nave adorna ;
Custosa (é tal o balanço) !
Toda a manobra se torna.

Relampagos inflammados,
Crebros, a vista deslumbram ;
Raios mil, rapidos, rasgam
As trevas, que a esphera obumbram.

Vendo imminente o naufragio,
Vasco invoca a Santa Guarda,
Que a quantos nella confiam
Auxilio jamais retarda.

Mal a prece formulára,
Recresce o furor dos ventos;
O céo vacilla em seus eixos
Na luta dos elementos.

Mas Venus, que o sol precede [9],
Rasgando da noite o véo,
Esplendorosa scintilla
No sereno azul do céo.

Vendo a frota dispersada,
De Baccho a traça conhece;
E, banhada em formosura,
Ao scio dos mares desce.

Manda que as lindas Nereydas,
Requintando em seducção,
Attraiam os rijos ventos
A' crystallina mansão.

Cedem os filhos de Eólo,
Cada qual á sua nympha;
Amor [10] sacode o seu facho
No seio da salsa lympha.

Só com vêr os meigos rostos,
Perderam todo o vigor;
Os aureos cabellos dellas
Lhes foram prisões de amor.

Tranquillo e sereno espelho
Tornam-se os mares bravios,
Por onde zephyro brando,
Suave — impelle os navios.

Quebrava-se o sol nas ondas
Em milhões d'aureos reflexos,
Quando os nautas se estreitavam
Em jubilosos amplexos.

Era que a frota singrava
Da India em seguro porto;
Era que a tantas angustias
Deus enviava conforto!

Todos no chão, de joelhos,
Curva a fronte, a Deus adoram,
E, em sincera acção de graças,
O celeste auxilio imploram.

CANTO VI

NOTAS

[1] *Rei do oceano.* E' Neptuno.

[2] *Thypheu, ou Thyphaon.* Famoso gigante, filho de *Tartaro* e da *Terra*, o qual tinha cem cabeças, semelhantes ás de dragão, ou serpente. Ardentes chammas sahiam-lhe pela boca e pelos olhos. Este monstro, logo que nasceu, fez guerra ao Céo, e de tal maneira amedrontou os fabulosos deuses, que todos fugiram, tomando cada um delles sua fórma differente. *Jupiter* transformou-se em *Carneiro*, *Mercurio* em *Cegonha*, *Apollo* em *Corvo*, *Juno* em *Vacca*, *Diana* em *Gato*, *Venus* em *Peixe*, *Baccho* em *Cobra*. O pai dos deuses poz, finalmente, em fuga o tal gigante e o sepultou debaixo do monte Etna.

Depois do desbarato dos Titans, parecia que o universo devêra ter sido pacificado e submettido, sem contestação, aos deuses olympicos. Assim, porém, não aconteceu. A natureza, por um ultimo esforço de sua monstruosa fecundidade, produzio novo Titan — *Typheu*, filho da *Terra* e do *Céo*. Como seus irmãos mais velhos, tentará luctar contra Zeus; vai renovar-se o combate, que se afigurava terminado. Si a victoria de Zeus não é duvidosa, será, no emtanto, terrivel a lucta, que tem de abalar o universo. Nos pormenores de

sua narração, na pintura dessa medonha convulsão da natureza, dessa tormenta de fogo, que entre o céo e a terra se desencadeia — confundindo todos os elementos em cahos immenso — é difficil não reconhecer os phenomenos de uma erupção vulcanica.

Pindaro attribue uma erupção do Etna ás convulsões de Typheu, esmagado sob o peso da montanha. Os volcões das Cyc!adas, ainda hoje não extinctos, bastavam para fornecer ao poeta os elementos desta pintura. Inspirando-se neste espectaculo, deu Pindaro a essa realidade caracter cosmogonico e cabe-lhe o merito de suppôr que esses phenomenos, reproduzindo-se, com largos intervallos, haviam constituido o estado frequente e ordinario da natureza, antes de Jupiter, isto é, nos periodos anteriores do mundo.

[3] *Tritão.* Veja-se a nota 2 do canto II.

[4] *Oceano.* Poderosa divindade do mar, filha do *Céo* e da *Terra*. Desposou *Tethys*, de quem teve os rios *Alpheu*, *Peneu* e *Strymon* e muitos outros filhos e filhas. A estas se deu o nome de *Oceanides*.

Segundo Homero, o *Oceano* era o pai de todos os deuses, e por essa razão visitavam-n'o, frequentemente, as outras divindades subalternas. Representam-n'o, ordinariamente, sob a figura de um velho, de crescidas e fluctuantes barbas, sentado sobre as ondas.

O *Oceano* presidia a todas as partes do mar e até os rios estavam sujeitos a seu poder. Quando o mar jazia socegado, os marinheiros lhe offereciam um cordeiro, ou um leitão; quando, porém, ventos fortes o encrespavam em vagas, a offerta consistia em um touro negro.

Conforme a *Illiada*, devem todos os deuses o nascimento ao *Oceano*, esposo de *Tethys*. O Oceano é, pois, o pai, o gerador; Tethys é a mãi, mãi fecunda, que cria e nutre.

Rio immenso, cuja larga corrente, voltando sobre si mesma, abarca céo e terra, o Oceano é o limite de todas as coisas visiveis. Conforme outras tradições, Ogyges, cujo nome exprime outra fórma do Oceano, era considerado, na Attica e na Beocia, como um primeiro rei, isto é, o pai da humanidade. Os deuses — rios passavam por terem sido os antepassados de muitas raças hellenicas. Ora rios, fontes e mares nascem do Oceano; delle derivam seu poder gerador e fecundo. O Oceano, d'onde dimanam todas as aguas, é a propria agua — elemento immortal, que vivifica toda a natureza e incessantemente a anima.

Esta idéa simples, que faz sahir todos os seres de um principio unico, não consta da *Cosmogonia*, de Hesiodo. O systema deste poeta é o seguinte: Antes de tudo houve o Cahos; depois Gea, de largo seio, eterno e immutavel sustentaculo de todas as cousas, e por fim Eros, o mais bello dos immortaes, que doma os corações e vence os prudentes conselhos. Cahos, Gea, Eros — eis os tres elementos primordiaes, elementos que nem sempre existiram, sendo anterior o primeiro e osdois restantes submettidos, por conseguinte, a uma lei de successão. O Cahos não tem aqui a significação, que lhe será depois attribuida; não é a materia no estado inerte e confuso, descripto por Ovidio. O Cahos é o espaço, o espaço escancarado, hiante para tudo conter e que a tudo precedeu. O Cahos é illimitado; e seria pura abstracção, si não fosse representado por um espaço, cheio de trevas. Gea, que existio depois delle, não é a terra, tal qual se offerecia aos olhos dos Gregos; é a materia terrestre, em via de formação. Quanto a Eros, apezar do texto do poeta, não é elle o deus brilhante, a fulgir de belleza, o deus alado, de graça juvenil e de vencedora magia, cuja imagem será por Praxitelles fixada. Não póde ser o deus do amor humano, pois que os homens ainda não tinham nascido, e os proprios deuses não haviam

abrolhado do seio do espaço e da materia. Este Eros primitivo, da *Cosmogonia*, é uma imagem mythologica, que vela outra ideia abstracta. E' a força attractiva, que leva os corpusculos elementares a aggregar-se e a combinar-se. Em virtude de sua acção, todos os elementos e seres tendem a unir-se e dessa união resulta a vida. Por seu influxo, vão nascer, successivamente, todas as cousas do seio do Cahos e de Gea, ou do espaço e da materia terrestre. Do Cahos sahem o Erebo e a Noite ; o primeiro, segundo as crenças communs, designava a obscuridade intermittente, que volta periodicamente ; aqui, porém, Erebo e a Noite representam a obscuridade primordial, dividida n'um principio masculino e n'outro feminino. Destes dois principios nascem *Æther e Hemera* — a luz das regiões superiores e a da atmosphera terrestre. Eis o primeiro effeito do amor ; para elle as trevas geram a luz.

Feita a luz, vai desenvolver-se a creação, sob a influencia do Eros. Gea não tarda a engendrar *Ouranos*,— o céo estrellado —, cuja abobada cobre a terra inteira e deve servir de morada aos mortaes bemaventurados. Engendra, depois, as grandes montanhas e o abysmo dos mares. Gea vai unir-se a Ouranos, para dar logar a outros elementos ; seu hymeneu, mais tarde cantado pela poesia grega, será a fonte da vida universal. E' o par primitivo, o par immortal, que os poetas vedicos já celebram. De sua união nasce o Oceano — o rio dos rios, imagem da formação das aguas da fonte, que são, realmente, as filhas do Céo e da Terra. Vêm, depois, muitas divindades, cujo sentido é menos determinado — Koios e Krios, Hypérion, Japet, Théa, Rhéa, Thémis, Mnémosyne, Phebe (d'aurea corôa), a amavel Tethys, e, emfim, o derradeiro — Cronos — o dos habeis conselhos.

[5] *A esposa de Neptuno.* E' Amphitrite, filha do Oceano e de Doris. Havendo fugido, para não casar, expedio Neptuno

dois delphins, que foram dar com ella junto ao monte Atlas e a trouxeram em um coche, em fórma de concha. Desposou-a Neptuno e della teve Tritão, uma das divindades maritimas. Amphitrite é tambem chamada—Salacia — e tomada, muitas vezes, pelo mar.

Nos monumentos da arte grega e, principalmente, da arte greco-romana Neptuno é, de ordinario, acompanhado de Amphitrite, que se assenta ao lado delle. A concepção de Amphitrite, rainha divina do mar, esposa de Poseidon, não é muito antiga na poesia grega. O nome de Amphitrite, aproximado do de Tritão (o deus marinho), do de differentes rios, que tinham na Grecia denominação igual, e do nome do lago *Tritonis*, parece, com effeito, significar simplesmente a agua, que envolve a terra, ou que açoita as costas com as suas incessantes vagas.

A *Illiada* não menciona esta divindade ; na *Odysséa*, seu nome é frequentemente citado como a personificação feminina do mar.

No monumento, conhecido por — *Nupcias de Neptuno e de Amphitrite*, estas duas divindades estão sentadas n'um carro, tirado por Tritões, que fazem resoar os echos do mar ao estrondo de seus busios. Neptuno, grave e magestoso no gesto, de busto denudado, sustem nas mãos as redeas. Amphitrite, envolta em véo de noiva, mostra sómente o rosto e a mão direita. Doris precede os esposos, tendo nas mãos a tocha nupcial.

[6] O duque de Alencastro era sogro de D. João, de Portugal, e irmão de D. Duarte, rei de Inglaterra.

[7] Os doze de Inglaterra eram Alvaro Vaz d'Almada, filho de outro Almada, que regia a ala esquerda da hoste portugueza na batalha de Aljubarrota, Lopo Fernandes Pacheco, João Fernandes Pacheco, Pedro Homem da Costa, João

Pereira, sobrinho de D. Nuno Alvares Pereira, Luiz Gonçalves Malafaia, Alvaro Mendes Cerveira, Ruy Gomes da Silva, Soeiro da Costa, Martim Lopes de Azevedo e Alvaro Gonçalves Coitinho, cognominado *Magriço*, filho de Gonçalves Vaz Coitinho, primeiro marechal de Portugal e irmão do primeiro conde de Marialva.

«No episodio dos doze de Inglaterra (diz o Sr. Latino Coelho a pag. 314 do seu *Camões)* o amor, ou melhor o culto cavalheiresco da media idade, é ainda o thema de Camões. E' um verdadeiro passo d'armas o que o poeta descreve com tintas primorosas.

E', talvez, neste ponto dos *Lusiadas* que o genio de Camões, quasi sempre inspirado no estro da antiguidade, se deixa seduzir pela musa romanesca de Ariosto e do Boiardo. A aventura cavalheirosa, narrada por Velloso para encurtar as horas de lazer aos companheiros, tem o sabor e as feições dos combates, celebrados nos poemas e novellas da errante cavallaria.»

[8] *Eolo.* E' o deus dos ventos, filho de Jupiter. Fez bom gasalhado a Ulysses, quando este passou pelos seus dominios. Em prova de benevolencia, presenteou-o com grande porção de odres, dentro dos quaes estavam encerrados os ventos. Os companheiros de Ulysses, não podendo refrear a curiosidade, abriram os odres. Rebentando d'elles os ventos, fizeram horrivel desordem, suscitando tão furiosa tempestade, que Ulysses perdeu todas as suas náus, salvando-se sobre uma taboa. Eolo tinha sobre os ventos tão grande imperio, que a sua simples vontade os reprimia.

Na mythologia grega o furacão era representado por Typhaon ou Typheu, um dos Titans, fulminados por Jupiter. Juno o tinha gerado, sem o concurso de seu esposo, num momento de colera contra este. Deveu, pois, o monstro seu nascimento á discordia do par celeste ou, em outros termos,

ás perturbações da atmosphera. Unido a *Echidna* (a nuvem tempestuosa) gerou a hydra (nuvem pluviosa), bem como o cão Orthos e o cão Cerbero, um dos quaes personifica a pallida luz do crepusculo, outro as trevas da noite e, nas suas relações com Typhaon, exprime o sombrio aspecto do céo, no momento da borrasca. Typheu produz os ventos procellosos, de humido bafejo.

Aos ventos da tempestade oppoem-se os ventos regulares, que são quatro: — Boreas, Noto, Euro e Zephyro —, unicos, de que fala Homero.

Passaria Typheu para a mythologia romana, sob a denominação de Eolo? E' provavel que sim.

[9] *Mas Venus, que o sol precede...* Entre os planetas, foi Venus quem impressionou mais a imaginação grega. Como é visivel antes de nascer o sol e antes do occaso deste astro, decompunha-se aquelle planeta em dois seres divinos, considerados como dois irmãos — *Phosphoros* e *Hesperos*. Phosphoros é filho de *Astræos* e de *Eos*, do Céo constellado e da Aurora, ou de Kephalos e de Eros. Este ultimo, porém, deu á luz Phaetonte, que é aqui identico a Phosphoros. Este Phaetonte, « astro brilhante », foi raptado, na flor da juventude, por Venus, que o fez guarda nocturno de seu santuario. Phaetonte é a bella estrella matutina, amada, por causa de sua belleza, pela deusa da Aurora, que logo a eclipsa e parece leval-a comsigo, para fazel-a resurgir, á tarde, no horisonte, como sentinella ás portas do céo. Tal é a explicação das relações de Venus com o planeta de seu nome. Pela manhã, sahe Phosphoro do banho do oceano e ergue no céo a fronte sagrada, para annunciar á terra que a divindade da luz se avisinha; traz nas mãos um archote e vôa pelos ares precedendo o carro da Aurora. A' tarde tem outro nome; é Hesperos, o filho de Atlante, que sustenta no occidente o peso do céo; é o pai das Hesperides (nuvens douradas do

poente). Hesperos é o mais esplendido dos astros, que fulgem na abobada celeste ; é o bello genio de melenas de ouro, celebrado nos epithalamios, e que, á entrada da noite, guia o cortejo nupcial e leva a esposa para os braços do esposo. Phosphoros e Hesperos são dois nomes diversos do mesmo planeta, compondo um par fraterno, como o dos — Dioscoros (Castor e Pollux).

10 *Amor*, *Cupido (Eros)*. Filho de Venus, ou Aphrodita, é o deus masculino do amor. Representa uma personificação, relativamente tardia, do sentimento do amor, que seu nome exprimio sempre na linguagem commum dos Gregos. Não deve sua existencia á tradição popular ; é o producto de uma abstracção e reflexão philosophica. O Eros theogonico, elemento primitivo do mundo, como o Cahos e como Gea, é o Amor, que tomou parte na obra da formação, assegurando a perpetuidade da vida ; é o invencivel poder que, na humanidade, bem como em todas as especies animaes, na terra e no mar, une os sexos, dominando toda a natureza animada. A acção de Eros exerce-se principalmente na leda estação, em que renasce a vida. Dizia Alceu que o joven deus havia nascido do enlace de Iris (de bellas sandalias) e de Zephyro (o madeixa d'ouro). Zephyro é, com effeito, o vento fecundante ; Iris é o arco celeste, que apparece com as primeiras chuvas da nova estação.

A influencia do Amor sobre a natureza inteira restringe-se, posteriormente, á humanidade. Comprazem-se os poetas em representar o Amor como infante cruel, inexoravel, que tyrannisa deuses e homens, zombando de suas victimas. O caracter abstracto, que teve originariamente Eros, reapparece, mais tarde, na fabula de Psyché — personificação da alma, dominada pelo amor. Não é um mytho ; é antes uma allegoria, que tem por fonte as ideias platonicas.

CANTO VII

ARGUMENTO

Lançam ancora junto á cidade. Mensagem do Gama ao Samorim, rei daquelle Estado. Monçaide, Mouro conhecedor da lingua portugueza, e que alli morava, agasalha o capitão. Conta-lhe Monçaide a historia daquella terra e informa-o dos costumes, da religião e fórma de governo do povo. Um regedor, ou catual, leva o Gama ao palacio do rei. Fala o Gama com o Samorim e pede-lhe que celebre com o rei de Portugal tratado de alliança e commercio. O capitão e os Portuguezes, que com elle se apresentaram ao monarcha indiano, são agasalhados em palacio. Visita do Samorim ás náus, onde é recebido por Paulo da Gama, irmão do descobridor. Examina o Samorim tudo a bordo e faz muitas e variadas perguntas a respeito da longinqua terra, donde vieram os audazes navegantes, e do rei, de quem são vassallos.

Explica o capitão ao Samorim as figuras pintadas nas bandeiras dos navios, representando heróes e gloriosos feitos da historia de Portugal.

Volta o rei indiano, com sua côrte, para terra. Inspira o demonio ao Samorim o desejo de ser hostil aos Portuguezes.

Apparece-lhe em sonhos Baccho, sob a apparencia de um propheta mahometano ; persuade ao rei de que com os recem-chegados virão grandes males a seus Estados e de que é preciso destruil-os, em quanto não ganham força.

Aconselham os principaes ao Samorim que faça guerra aos novos hospedes, pois não passam de piratas, sem rei e sem leis. Vendo-se vexado e perseguido pelos naires e pelo povo, insta o Gama com o rei para receber delle os despachos, destinados ao monarcha occidental, pois queria voltar para sua terra. Recebido pelo Samorim, defende-se o capitão, em phrase nobre e altiva, das torpes imputações, que lhe faz a perfida gente de Calecut.

Exigindo-lhe o rei presentes de valor, confessa que não os tem. Não consente um dos catuaes que o Gama volte á frota. Paulo da Gama alcança a liberdade do irmão, remettendo das náus o que era preciso para o resgate. Volta da frota para Portugal.

CANTO VII

Desembarcaram em Calecut [1],
Rica cidade do Malabar;
Mandou o Gama seu mensageiro
Ao rei da terra, logo, saudar.

Nessa cidade vivia um Mouro,
Que a lingua lusa bem conhecia;
Sorpreso, á vista dos Portuguezes,
Ao mensageiro, ledo, dizia:

« Como viestes aqui, tão longe?
A taes paragens quem vos guiou? »
« Fomos — sem guia, fendendo mares,
Por onde d'antes ninguem passou. »

Monçaide (o Mouro) procura a frota
E diz ao Gama: « Saudar-te vim;
Sabe que o chefe destes Estados
Titulo assume de Samorim. » [2]

Pendiam todos dos labios delle,
Falar ouvindo da nova terra,
De seus costumes, governo e culto,
De leis e castas e ardis de guerra.

E' tal imperio vasto e famoso;
Nelle se tece fina cabaia;
Tem ouro e gemmas; produz essencias,
Mais perfumosas que as da Panchaia [3].

Com grandes festas o regedor
Acolhe o Vasco e a lusa grey;
Mostra-lhe templos, jardins, riquezas,
E os lindos paços, que habita o rei.

Attenta o Gama nas maravilhas,
Que, em grande cópia, vê na cidade;
Ouve dos Indios a longa historia,
Que sobe ao berço da humanidade.

Ouve da boca dos sabios magos
Que estranho povo, forte, aguerrido,
Virá lançar-lhes seu brando jugo,
Alçando as glorias do rei vencido.

O luso egregio, d'honras cercado,
Entra nos paços do soberano;
E da viagem, com firme accento,
Diz-lhe os motivos, o fim e o plano.

Com vivas mostras de sympathia
O rei escuta tão dignas phrases,
E diz que, ouvidos seus conselheiros,
Verá si aceita, si nega as pazes.

Manda que os naires sondem, seguros,
Intento e vistas da gente nobre ;
A ver si o Gama diz a verdade,
Ou si a mentira no peito encobre.

Pasmam os Indios vendo pintadas
Altas façanhas nos estandartes ;
Pasmam dos rasgos d'alto heroismo,
E dos progressos das lusas artes.

Vendo o demonio que o bom gentio
Quer a alliança do rei christão,
N'alma lhe acorda fallaz suspeita,
Por demovel-o dessa tenção.

No alto conselho dos principaes
Reina a discordia, paira a perfidia ;
E o rei, que é presa de estranho influxo,
Illude o Gama com trêda insidia.

Já de pirata lhe irroga a pecha ;
Chama-o de cabo de aventureiros ;
Crê que é fingida tal embaixada,
Como lhe affirmam seus conselheiros.

Repelle o luso tão grave injuria;
Na phrase altiva verdade exprime;
Resalta aos olhos que a tal virtude
Não mancha a coima de infando crime.

Mas, como abono de quanto affirma,
O rei lhe exige rico presente;
Um dos ministros mais cubiçosos,
Que volte á frota lhe não consente.

Quanto é preciso para o resgate
Paulo da Gama das náus remette;
E, livre a frota da gente infame,
De novo os mares, prompta, accommette.

CANTO VII

NOTAS

[1] *Calecut.* (Veja-se a nota 15 do canto IV.)

[2] *Samorim.* (Veja-se a nota 15 do canto IV.)

[3] *Panchaia.* Ilha da Arabia Feliz, onde Jupiter tinha um magnifico templo. Era celebre pelos exquisitos perfumes, que produzia.

[4] *Pasmam os Indios vendo pintadas*
Altas façanhas nos estandartes.

Nas bandeiras, ou estandartes dos navios não se representam factos historicos, ou rasgos de valor. Isto é simples ficção poetica do autor dos *Lusiadas*.

CANTO VIII

ARGUMENTO

Sahem de Calecut os argonautas, anciosos de rever patria e familia. Venus, compadecida dos soffrimentos, por que elles passaram em tão longa e accidentada peregrinação, prepara-lhes no oceano mansão de delicias, onde refocillem. Desce a deusa aos montes da Idalia. Alli Cupido preparava os farpões, com que devia ferir os mortaes, refractarios aos ternos sentimentos.

Leva comsigo o Amor e a Fama, — um para ferir o coração das nymphas do oceano, fazendo-as apaixonar dos Portuguezes — outra para divulgar as acções heroicas dos barões, por quem determina que ellas se enamorem.

Ilha dos Amores. Descripção dos gózos paradisiacos dessa imaginaria mansão.

Tethys, princeza do oceano, conduz o Gama a um magestoso alcaçar, onde o banqueteia e festeja, servida por suas nymphas. Em canto altiloquo immortalisa a deusa os feitos brilhantes dos Portuguezes, assignalando os mais

notaveis lances de heroismo dos varões, que bem mereceram da terra, onde vira a luz o Gama. Rasgando o véo do futuro, põe a nympha patentes aos olhos do grande capitão os fastos da historia de Portugal.

Despede-se o Gama da filha de Neptuno e leva, de novo, a armada em direcção a seu paiz natal. Chega a Portugal, após longa viagem, sendo recebido na patria com os mais expressivos testemunhos de apreço.

CANTO VIII

Some-se a terra, desmaiando ao longe,
Do horisonte do mar na incerta bruma;
Incham-se as velas e as agudas prôas
As ondas cortam, levantando espuma.

Santa imagem da patria! És tu, que augmentas
Nos fortes corações a anciedade!
A lembrança do lar, de espcsa e filhos
Mais lhes aguça o espinho da saudade.

Que doces commoções! Quantos prazeres
Não lhes descreve a accesa phantasia!
Como as paredes do casal paterno
Hão de, ao vel-os, pulsar d'alma alegria!

Basta de provações! A Cypria deusa
Para os barões reserva horas propicias.
Quer que, olvidando as horridas fadigas,
Gozem na terra divinaes delicias.

Nesse inconstante mar que, tantas vezes,
Ameaçou tragar as frageis quilhas,
Vai, próvida, crear mansão de gózos,
Que vença Idalia [1] e Chypre em maravilhas.

Quer que a flor das maritimas beldades,
— Essas, que esmalte são dos vitreos paços —
Apaixonadas de tão grandes feitos,
Abram aos Lusos amorosos braços.

Sobe Dione á crystallina concha,
Que brancas pombas pelos ares tiram;
Azulam-se do espaço os véos ethereos;
Jazem os ventos, que de amor suspiram.

Com doces beijos inflammando a esphera,
Vão arrulhando as aves de Acidalia;
E d'uma gloria de offuscante brilho
A deusa desce á nemorosa Idalia.

Lá forjavam Cupido [2] e o côro alado [3]
Passadores subtis, agudas settas,
Para ferir os corações sensiveis,
Que são de amor as victimas dilectas.

São combustiveis das eternas fraguas
Vivas entranhas, corações ardentes;
Agua — o pranto de amantes infelizes;
Flamma — o desejo e os zelos vehementes.

Gyravam bandos de engraçadas nymphas,
Dando remedio aos ais dos mal feridos;
E, no concerto dos gentís verdugos,
Eram hymnos de gloria esses gemidos.

De amena veiga no florído esmalte
Pousam o leve coche as mansas aves;
O puro alento da formosa deusa
Perfuma o ar de emanações suaves.

Beijam-lhe a mão divina os voadores;
Venus abraça o filho idolatrado;
Pede-lhe auxilio. Prompto á voz materna,
Arco e settas prepara o deus vendado.

Sobem na concha ás regiões dos ares;
Tomam a deusa de fallazes labios,
Que a verdade e a mentira espalha, ao longe,
Que exalta os parvos, que deprime os sabios.

Desce a Fama ás cavernas de Neptuno,
A celebrar o lusitano esforço;
Louva o grande valor da raça illustre,
Que ao perigo jámais voltára o dorso.

Vendo Cupido que, em favor dos Lusos,
Das nymphas se inclinava a sympathia,
Certeiro as settas vibra, e cada tiro
Funda chaga de amor no peito abria.

Junta as pontas da lua em arco eburneo [5],
Para nelle embeber a hervada frecha,
Que da filha de Urano [6], altiva e fera,
Ha de no peito abrir profunda brecha.

Tem cada qual na mente desenhadas
As feições de quem ama e nunca vira;
Recebe cada qual lições de Venus,
E, adestrada no amor, de amor delira.

Docemente oscillando em mar de rosas,
Veloz a frota pelo anil deslisa,
E vôa sobre a liquida campina,
Ao brando sôpro de fagueira brisa.

Eis surge, ao longe, em direcção da prôa,
Bella, viçosa, a ilha dos Amores [7];
Verde arvoredo ensombra os frescos valles,
No relvoso tapiz chovendo flores.

Lançam ferro em pacifica enseada,
Cujo limpido fundo a vista afaga;
N'alva praia de rubidas conchinhas
Jámais ruga do mar se altêa em vaga.

Serenas correm crystallinas aguas,
Sobre dourada areia murmurando;
Tanques de azul, em placido remanso,
Estão da esphera as tintas debuxando.

Toca a cidreira o chão, vergando aos pesos ;
Esmalta aurea laranja a verde folha ;
Entre os limões e os pomos, que os imitam,
Ninguem, de certo, hesitará na escolha.

Myrtos de Venus, alamos de Alcides [8],
Pinheiros, que de Rhéa ufanam mimos [9],
Louros de Apollo, funebres cyprestes,
Erguem aos céos os aprumados cimos.

Fructos, diversos no sabor, na fórma,
Espontaneo — produz o fertil solo ;
Ostenta a vide os cachos bi-colores,
E do vizinho olmeiro enlaça o collo.

Desmaia, ante a romã, rubim flammante ;
Esplende, ao lado, em purpura a cereja ;
Roxêa a amóra, e o pecego, escoimado
Do toxico natal, no pé viceja.

Namora-se na lympha alvo narciso ;
Floresce a linda anémone entre rosas ;
Como vexada, a roxa violeta,
Timida, esconde as petalas mimosas.

Roreja inda a cecém de fresco orvalho ;
Conta o jacintho a Phebo o seu martyrio [10] ;
Entre as boninas, que o jardim matizam,
Abre a corolla ao sol candido lyrio.

De cada flor o delicado calix
Era caçoula de fragrante incenso,
Erguendo nos effluvios perfumados
As oblações da terra aos pés do Immenso.

Cantava o cysne á beira da corrente,
Casando a voz do rouxinol aos trillos;
Traz a mãi o sustento ao caro ninho,
Prompta acudindo aos tremulos pipilos.

Mira-se o gamo, sem temor, nas aguas;
Pousa, quieta, no vallado a lebre;
Nem a gazella timida receia
Que alguem do calmo abrigo a paz lhe quebre.

Espalhadas no bosque as nymphas bellas,
Ou lyra, ou harpa, ou cythara tocavam;
Umas, nas mãos trazendo arcos dourados,
Andar á caça, astutas, simulavam.

Esperam os barões, mas sem que o mostrem;
Fingem que isentas vão e descuidadas;
Certas, algumas, do valor das fórmas,
Entram n'agua, de roupa despojadas.

Alguns dos jovens, que pisavam terra,
Iam em busca de animaes na selva;
Outros, ao manso murmurar das fontes,
Pousam no chão de avelludada relva.

Já Velloso entre os ramos, que tremulam,
Vio caça de primor, estranha e nova,
Fórmas de hurís [11] que em marmore de Paros [12]
Tentára, embalde, cinzelar Canóva. [13]

Eram os lyrios das divinas carnes,
Que a côr da rosa pudibunda esmalta;
Nos véos traída, a perfeição do corpo
Mais irrita o desejo e a mente exalta.

Algumas d'entre a lympha saltam, nuas;
Fogem por entre os myrtos olorosos;
Mas, abafando o pejo, alfim succumbem
Aos languidos deliquios amorosos.

Outras, fingindo susto, immergem n'agua,
Furtando aos olhos divinaes contornos;
Aquella vai, a retomar na margem
Os, que nella despio, gentís adornos.

Que formosa caçada atrás das bellas,
Pelo flórido bosque! Oh! quanto almeja
A caça virginal chegue o momento,
Em que do caçador presa se veja!

Qual, vestido, se atira na ribeira,
Para n'agua extinguir a ardente chamma;
E qual, no encalço de cruel belleza,
Queixas de amor do coração derrama.

Victima de Cupido, eis — vai Leonardo [14]
Após a bella Ephyre fugitiva ;
Todas rendidas são no altar de Venus ;
Só essa aos brandos ais resiste, esquiva.

Mas tão meigo Leonardo exhala as queixas,
Tão mavioso pinta as magoas d'alma,
Que a Nayade feroz, banhada em gozo,
Dos thesouros de amor lhe entrega a palma.

Só se escuta entre as verdes alamedas
Dessa eterna mansão da primavera
Riso entre chôro, suspirar cortado,
— Hymno elevado á deusa de Cythera.

A princeza do mar, Tethys divina,
A um paço de crystal conduz o Gama ;
Canta-lhe as lusas glorias no Oriente,
Que hão de cansar, um dia, a voz da Fama.

Refocillados os valentes nautas,
Apercebem as náus, velas desprendem ;
Despedem-se da nympha hospitaleira
E, de regresso á patria, as ondas fendem.

Entra a barra do Tejo o Gama invicto,
Trazendo a chave do Indico oceano ;
E, ufano, vai depôr trophéus brilhantes
A's plantas do monarcha lusitano.

Honra a quem devassou da aurora o berço !
Honra a quem deu a Lysia um mundo novo !
Salve ! No alcáçar, consagrado ao Genio,
Ergueu-lhe o busto a gratidão do povo.

Honra ao cantor dos lusitanos fastos !
Joelho em terra ! A Universal Historia
Leve aos vindouros de Camões o nome,
Como eterno padrão da lusa gloria !

CANTO VIII

NOTAS

[1] *Idalia*. Cidade edificada junto ao monte Idalo, em Chypre, onde Venus tinha um templo.

[2] *Cupido*, ou *Amor*. Filho de Venus, chamado o deus vendado, por ter sobre os olhos uma venda. (Veja-se a nota 10 ao canto VI.)

[3] *Córo alado*. É o bando de Amores, ou Cupidinhos, companheiros e emissarios do filho de Venus, tambem conhecidos por Jócos, Risos, Prazeres e Attractivos.

[4] *Fama*. Mensageira de Jupiter. Diz-se que andava noite e dia ; que se collocava sobre os lugares mais altos, para publicar toda a sorte de noticias, e que nunca se calava. E' representada na figura de um monstro alado, de figura agigantada e horrivel, e com tantos olhos, tantas orelhas, bocas e linguas, quantas pennas no corpo.

Era adorada pelos antigos como deusa poderosa, e geralmente a pintavam embocando uma trombeta.

[5] *Junta as pontas da lua em arco eburneo*.— Bellissima ficção de Camões. Para poder ferir de amor o isento coração da filha de Urano só um arco, formado das duas pontas, que a lua apresenta, quando em quarto crescente ou minguante.

[6] *Filha de Urano* é Tethys, que teve por mãi a Terra.

Foi mãi dos principaes rios do Universo — o Nilo, o Alpheu, o Meandro, o Simois, o Peneu, o Evandro e o Scamandro. Teve tambem do *Oceano* grande numero de filhas, chamadas *Oceanides*.

[7] *A ilha dos Amores*. « Todos os marinheiros (diz o Sr. Conselheiro Pinheiro Chagas) suppunham encontrar o paraiso terreal ao cabo de suas longas navegações. Ilhas fabulosas e esplendidas, semeadas pelo mar occidental, os esperavam para lhes offerecer a doce recompensa de sua coragem e de seus trabalhos. Tal era a ilha das *sete cidades*, de que dá conta Antonio Galvão.

Segundo o que elle nos assevera, um navio portuguez, que atravessava o estreito de Gibraltar, foi impellido por furiosa procella na direcção do Occidente. Debalde os tripulantes tentaram reagir contra a força dos elementos e navegar em direitura á patria; a tempestade... emprestava azas ao navio e fazia-o voar direito ao horizonte, onde o sol se escondia nas vagas. Depois de longos dias de viagem, divisaram em fim uma ilha, na qual sete cidades se elevavam. Correram os habitantes á praia e a primeira pergunta, que dirigiram aos recem-chegados, teve por fim saber si ainda estavam os Mouros na Hespanha.

Esses habitantes eram homens, que tinham fugido da peninsula, quando o rei Rodrigo fôra derrotado nos campos do Guadalete. Falavam comtudo portuguez, o que não deixava de ser maravilha, porque no tempo, em que elles tinham sahido da patria, ainda o portuguez não nascêra. O contra-mestre do navio trouxe, quando voltou a Portugal, um pouco de areia dessa ilha, que deu a um ourives de Lisboa, o qual conseguio extrahir della uma boa porção de ouro em pó. O mytho da ilha das *sete cidades*, ou *d'Antilha*, onde os muros eram de ouro resplandecente, prolongou-se

até bem tarde. Fernando Diniz suppõe que seria uma nova fórma da velha lenda da ilha de S. Brandão:

«.... Deram nascimento a esta lenda, segundo parece, as missões apostolicas, emprehendidas no anno de 560, pouco mais ou menos, por S. Brandão, filho de um bardo irlandez.

A imaginação popular apoderou-se do thema e bordou sobre elle as mais miraculosas variações, que nos claustros, onde a velha poesia nacional dos bardos se abrigára á sombra da cruz, mudando a tunica dos velhos cantores pagãos no burel do monge catholico, se transformaram n'uma verdadeira epopeia, que Ernesto Renan chama — uma das mais espantosas creações do espirito humano e a expressão mais completa do ideial celtico.

Essa epopeia fel-a o poeta irlandez contemporaneo M. Florence Mac-Carthy....»

« ... Evidentemente (diz o Visconde de Villemarqué) o autor da narrativa tomára parte em alguma expedição do mesmo genero, como este bardo que ia a bordo do navio dos irmãos Corra. Pintando debaixo de cores bem vivas as maravilhas do Oceano, não fez senão ideialisar a pittoresca realidade, que o impressionára. Vira, junto ao costado de seu fragil navio, os monstros marinhos perseguir-se e devorar-se; as vagas do mar, mudadas em azul transparente, dias sem noite, montanhas jorrando chammas, cathedraes de crystal illuminadas pelo sol, folhagens, fructas, passaros, uma vegetação, uma temperatura, com as quaes nada havia comparavel nas brumas de seu paiz. Mas vira mais do que isso nas regiões atlanticas; trazia de lá o ideial das virtudes christãs; lá colhêra flôres admiraveis de caridade, igualdade, humanidade, e sobre tudo de piedade.

Acharam a ilha, onde anjos cahidos do céo, menos culpados de que os companheiros de Lucifer, cantavam de dia e de noite com os passaros os louvores do Creador, cheios de

esperanças na sua bondade. Encontro mais tocante ainda ! Vira de pé sobre um rochedo, no meio dos mares, com um pedaço de véo por vestimenta, Judas, o prescito, a quem o Salvador, por infinita misericordia, suspende todas as semanas os padecimentos durante vinte e quatro horas; o meigo santo de Erin obteve-lhe um dia mais de allivio. Chegára afinal á « terra promettida aos santos. » Os seus olhos tinham sido deslumbrados por ondas de luz, e uma voz se fizera ouvir: — Coragem, meu irmão ; é aqui a terra, que reservou o Senhor para seus eleitos ; Jesus é a sua Luz ; si os homens não tivessem peccado ainda aqui seriam felizes.

A estas palavras os prantos haviam-lhe deslisado dos olhos, e, tornando a dar á vela, regressára tristemente á Irlanda.»

. . . . . .

Villemarqué falla tambem das viagens de Snedgus e Mac Riagla. Estes dois Gaellicos foram os primeiros que se referiram á ilha dos *passaros ;* á arvore de folhas sempre verdes, lustrosas, largas como pelle de bufalo, sobre as quaes se empoleiram ; á sua plumagem de açafrão, de purpura e de azul ; ao seu rei, cuja cabeça é de ouro e as azas de prata ; aos seus cantos, que não têm de comparavel senão os do céo, ou os que se ouvem de uma ilha proxima.... Quando desembarcaram foram acolhidos deliciosamente por Irlandezas, que lhes fallaram a sua bella lingua e os conduziram a seu chefe. — Reino, disse elle aos navegadores, reino aqui sobre pobres exilados do nosso doce paiz d'Erin.

Sombras meigas e melancolicas, irmãs ignoradas de Malvina e como ellas captivas, não das nuvens, mas das ondas, ha quanto tempo esperam que lhes seja restituida uma patria !

. . . . . .

Os navegadores bretões tambem tinham demandado e encontrado uma ilha de pomos de ouro, onde brilha immor-

tal aurora, onde vivem, formando eterna choréa e dansando, sempre jubilosos, lindos rapazes e formosas raparigas.

. . . . . .

Os Arabes igualmente não deixaram de phantasiar paizes mysteriosos, ilhas estranhas nas solidões do oceano. Essa phantasmagoria, mais talvez do que os sonhos da antiguidade, exerceu grande influencia nas superstições maritimas da idade media. »

Camões, tão conhecedor das cousas do mar, e versado nas tradições maravilhosas, que a imaginação dos marinheiros todas as noites repetia aos ventos, na immensidade do oceano, tomou por typo da ilha dos Amores uma d'essas mysteriosas e phantasticas mansões, que a poesia dos navegadores semeiava em paragens longinquas, e não sabidas, do oceano.

[8] *Alamos de Alcides*. *Alcides* (nome, que significa força). Sobrenome de Hercules, por ser neto de Alceu. Era-lhe dedicado o alamo.

Hercules (Heracles). Na mythologia grega não ha heróe, nem mesmo deus, de tradições tão numerosas e de tão longa historia. A multiplicidade dessas tradições e a diversidade de sua proveniencia autorisam-nos a suppor que, originariamente, não diziam todas respeito a um só personagem divino, mas que Hercules se enriqueceu com as acções, attribuidas a outros heróes, cuja natureza tinha analogia com a sua.

Thebas e Argos são o centro das tradições relativas a este semideus. O nascimento de Hercules parece-se com o de Apollo e a vida de ambos offerece tambem muitos pontos de contacto.

Hercules, como Apollo, é um heróe solar, e os mythologos explicam os actos de sua vida pelos phenomenos da luz. A força physica é o elemento dominante do typo de Hercules

e a fatalidade condição essencial de seus doze trabalhos. Recusando seguir o caminho do vicio, encetou, sem hesitar, o da virtude, merecendo, por isso, o Olympo. Deu este heróe simples e salutar lição á mocidade, indicando-lhe a escolha, que se deve fazer em circumstancias analogas.

[9] *Ops*, *Rhéa*, *Vesta*, ou *Cybéle*, cognominada a « boa deusa » ou « mãi dos deuses. » Era-lhe consagrado o pinheiro.

Rhœa Cybéle.

Cybéle, divindade da terra, apparece na Asia Menor com caracter particular, que nem Géa, nem Demeter tiveram na Grecia. Não é a deusa dos campos cultivados e dos ferteis valles; é a terra, na sua livre e selvagem energia, tal qual a vemos desenvolver-se nos declives e nas gargantas d'essas montanhas, cujas massas enormes dominam as planicies; é a mãi natureza, adorada onde a sua pujança mais se ostenta — nos lugares em que nos enche de maior admiração.

Cybéle é, essencialmente, a « deusa montanhosa », que tem o throno nas altas cimeiras e nas impenetraveis solidões das florestas. Rainha da natureza selvagem, domina toda a natureza; os animaes, que habitam seu dominio, são forçados a obedecer-lhe e a formar-lhe sequito. Por essa razão, andam representados nos seus monumentos dois ferozes leões.

A religião de Cybéle, amante de Attis, é, essencialmente, originaria da Phrygia, onde se liga á historia da civilisação.

Sem perder, de todo, o caracter de divindade da natureza selvagem, Cybéle presidirá a todos os progressos da civilisação nascente, á agricultura, á constituição das sociedades, á fundação de cidades, cujas torres haviam coroado todas as eminencias da Phrygia. E' por este motivo que as moedas antigas a representavam com uma corôa de torres e os poetas latinos a designavam pelas palavras *mater turrita*, ou *turrigera* (mãi coroada de torres).

O nome — Vesta — não se deriva do grego *Hestia;* ambos vêm da raiz commum sanskrita *vas*, que significa — habitar, morar. E', portanto, uma deusa do lar, considerada como centro e principio da vida domestica, bem como centro da vida politica e municipal; porque a cidade, ou o Estado, outra cousa não são mais que a grande familia, formada de todas as familias particulares.

Cada cidade tinha sua Vesta e seus Penates — divindades do lar publico; na Italia, como na Grecia, as colonias accendiam o fogo de sua Vesta no lar da metropole e adoravam os mesmos Penates.

Chamavam-se Vestaes as sacerdotisas d'esta deusa; velavam sobre o fogo sagrado, que devia arder perenne na lampada votiva. Si o deixavam apagar, eram açoitadas, até ficar ensanguentadas; si quebravam o voto de castidade, ou si apenas excitavam suspeitas (por meras apparencias) a respeito da pureza de seu procedimento, eram enterradas vivas. Extincto o fogo sagrado, só podiam reaccendel-o, ou no fóco de concentração dos raios solares, ou na chamma, produzida por um ramo purificado de arvore, inflammado por meio do attrito.

[10] *Conta o jacintho a Phebo o seu martyrio.* Ajax, filho de Telamon, foi um dos mais valentes e esforçados capitães gregos na guerra de Troya. Era invulneravel, excepto em um logar do peito, que elle só conhecia. Muito se distinguio no cerco de Troya. Luctou um dia inteiro com Heitor, até que desistiram do combate e trocaram funestas dadivas; porquanto o talabarte, que Ajax recebêra de Heitor, servio para o atar ao coche de Achilles quando este, depois de o matar, o arrastou em roda dos muros de Troya. Morto Achilles, Ulysses e Ajax disputaram as armas do finado, e obtendo-as Ulysses, entrou Ajax em tão desatinado furor, que arre-

metteu, de noite, contra todos os rebanhos circumstantes e fez nelles uma grande matança, na supposição de que matava Ulysses.

Recobrando o siso, voltou contra si a espada, que recebêra de Heitor, e com ella se matou. Seu sangue foi mudado em jacintho, flôr, em que já se tinha convertido um mancebo d'esse nome, morto por Apollo. Dizem alguns que a flôr jacintho é o *pé de calhandra*, onde parece que se lêm estas duas lettras: A I, iniciaes da palavra Ajax (ou Aiax), formando o som natural, com que cada um exprime sua dor, como se presume que Jacintho exprimio a sua, quando ferido pelo disco de Apollo.

[11] *Huris*. Formosas mulheres, de que Mahomet povôa o seu paraizo.

[12] *Marmores de Paros*. *Paros* é uma celebre ilha do mar Egeu. Diz Plinio que ella tem 36 milhas de circumferencia. Esta ilha era conhecida pelo seu famoso marmore, pelo seu bom gado, por excellentes perdizes e pombos bravos. Tinha por capital a cidade de *Paros*, patria de *Archiloco*, celebre poeta. Dizem que foi assim chamada de — Paro, filho de *Jason*, ou de — Paros, filho de *Parrhasio*.

[13] *Canóva*. Celebre estatuario.

[14] *Leonardo*. E' Leonardo Ribeiro, um dos cavalheiros, que embarcaram na frota, commandada pelo Gama.

EPILOGO

Chumba a campa do vate o sello eterno.
Queimou Camões na pyra do martyrio
O que tinha de humano. Erguendo o vôo,
Subio sua alma, dos paúes da terra,
A's espheras de amor, de luz, de aromas,
Onde, enlevando-o na visão celeste,
A bondade de Deus premeia o justo.
Aureola de gloria perduravel,
Que não se empana ao halito da inveja,
Luz-lhe na fronte. Seraphins [1] e Thronos [2],
E toda a côrte da milicia angelica,
No seio de uma nuvem de fulgores,
Cantam com elle *hosanna* [3] harmonioso
No conspecto do Altissimo. O poeta
Roga ao Deus de eternal misericordia
Outorgue indulto á ingratidão da patria,
— Descaroavel mãi, que engeita e esquece
O maior de seus filhos. — Castigado
Devia ser do céo tão negro crime;

Mas a férvida prece afasta o gladio,
Já prestes a ferir.
No anceio extremo,
Sentindo a morte enregelar-lhe a dextra,
Inda arrancava d'harpa esbambeada
Meigos hymnos de amor; eram da patria
Seus derradeiros, inspirados carmes.
Bem differente do romano austero,
Que a seu berço natal negava os ossos,
Elle pedia á terra, em que nascêra,
Breve espaço, que as cinzas lhe guardasse [4].

Começou a justiça dos vindouros;
Lavrou a Historia a imparcial sentença.

Esse genio gigante, immensuravel,
E' diva emanação do fóco immenso,
Da força creatriz, que vivifica
A face do universo; é raio ethereo
Da Infinita, Suprema Intelligencia,
Que illumina os espiritos eleitos
Dos reis da inspiração. O instincto humano
Segue no mundo o radioso esteiro
Dessas almas de escol; é pobre a lingua
Para sagrar um nome aos grandes homens,
— Nuncios do Eterno, interpretes sublimes
Da belleza ideial, que em Deus se encerra.

Camões é genio! A chamma de seu estro
Ha de viva esplender, emquanto o mundo

Render culto ao que é nobre e grande e puro,
E a quanto exalta a natureza humana.
Sobre a lousa, que guarda os seus despojos,
Glorioso epitaphio está lavrado
Pelo universo, que é do Genio a patria.
Canonisou-o a humanidade inteira,
Que lhe repete o nome aos quatro ventos
E seu canto immortal transmitte aos evos.

Seu braço, armado de guerreira espada,
Colheu triumphos no sangrento campo
De Gibraltar e Ceuta ;— o marcio louro,
Junto ao de Apollo, lhe enramára a fronte;
A mesma dextra, que derriba os Mouros,
Dedilha as cordas da afinada lyra.

Eil-o, em ledos saráus do regio paço
Delirando de amor á luz, que vibram
De senhoril Nathercia [5] os lindos olhos.
Arde nas fraguas de paixão profunda,
Sagrando á bella, que lhe aceita os cultos,
Inspiradas canções, ternas endeixas.
Quão breves fostes, illusões douradas,
Devaneios do céo !— Fugis, desfeitos
Ao sôpro queimador da intriga e inveja,
Qual se esvaece ao sol nevoa da aurora.

Vai saudades curtir em longo exilio ;
Sulca o oceano. A vaga gemedora
E os rijos ventos, a zunir nas velas,

Formam sentidos écos, que se casam
Ao mago som, ás lettras merencorias
Do seu triste cantar. O doce nome
Da virgem de seus sonhos — repetido
Pelo deserto mar — nas brutas fragas
Despertou as maritimas deidades,
Que, inda agora, o murmuram, suspirando.
A gruta de Macáu [6], que o tem gravado,
Nunca mais o esqueceu; fagueira brisa
Rumoreja-o nos leques das palmeiras
E sobre as aguas do sagrado Ganges.

Ferve em serras o mar; tufões medonhos
Parecem deslocar as bravas costas,
Junto á foz do Mecon. Enorme vaga
Invade a náu que em vortices se afunda.
Salva-se o vate sobre fragil prancha;
Fórça um dos braços a veloz corrente,
Outro, erguido no ar, sustenta o livro,
Que ha de perpetuar de Lysia a gloria.
Herculeo esforço! Provação tremenda
De quem contava attribulados dias
Por golpes e vaivens da sorte ingrata!

Que destino o do vate! A dor e o pranto
Turvam-lhe em sombra a vida amargurada;
E, si um riso fugaz lhe roça os labios,
E' como o raio ephemero do occaso,
Que rompe as nuvens em chuvosa tarde.

Mas a desgraça é qual crysol ardente,
Que na fonte das lagrimas depura
— Para expandil-a em ondas de harmonia —
A alma do poeta; os sons da lyra,
Si a desdita os extrae, são mais accordes.
Não quadra ao vate o jubilo sem travo;
A sombra, a treva, a voz da tempestade,
— Eis o que mais lhe apraz; precisa disso,
Qual de orvalho e calor precisa a planta.

Negreja no horisonte do poeta
Temeroso bulcão; desmaia a estrella,
Que lhe fôra da vida o claro norte:
— Rosa, troncada pela mão da Parca —
Cae Nathercia no abysmo do sepulcro.
Envolve-se-lhe a lyra em véo de crepe,
E, tangidas do zephyro da campa,
Vão desferindo funebre epicedio
Cordas, que os ais de amor já suspiraram.

Fica-lhe a patria — só — Desalentado,
Enfermo, e em lucta com penuria extrema,
Vela-lhe o pobre Jáu [7], no lar sem lume,
A vida que se apaga; o pão da esmola
Mal lhe restaura as consumidas forças.
No leito do hospital recebe a nova
Da catastrophe atroz, que a patria enlucta;
Já quasi extincta a misera existencia
Soffre abalo mortal; na arca do peito
Lhe estala o coração de angustia immensa;

E em tremulo estertor levanta o brado:
« Morro ao menos comtigo, ó patria minha! »

Cobrio o véo do tempo o grande crime
Do olvido ao luso vate; a nobre Lysia
Justa reparação tem dado ao mundo.
Hoje se exalta mais o povo illustre
Nesta homenagem posthuma e sincera
Ao principe dos épicos modernos.
Camões pertence ao mundo; o seu poema
E' do genero humano o patrimonio;
Mas aos que falam o idioma luso
Pertencem, mais de perto, seus triumphos,
Seu renome immortal, seu genio excelso.

Eia! — povos irmãos em lingua e raça!
Communs nos são as tradições de gloria,
Que nesse augusto symbolo se incarnam.
Seja Camões o vinculo sagrado,
Que cimente a união dos dois Estados.
E quando o tempo os ultimos vestigios
De Lysia e do Brazil varrer da terra,
A voz da imparcial Posteridade
Ha de bradar aos povos do universo:
« Esse poeta é synthese sublime
Do valor exemplar dos Portuguezes! »

EPILOGO

NOTAS

[1] *Seraphins*. Anjos de primeira jerarchia, assim denominados por serem muito resplandecentes.

[2] *Thronos*. Anjos de terceira ordem, da primeira jerarchia.

Ambas essas classes de espiritos fazem parte dos coros celestes.

[3] *Hosanna*. Palavra hebraica, que significa — salvai-nos.

[4] *Elle pedia á terra, em que nascêra,*
Breve espaço, que as cinzas lhe guardasse.

Prefiro á verdade historica a ficção do Visconde de Almeida Garrett, nos seguintes versos de seu poema *Camões* :

« *Terra de minha patria! abre-me o seio*
Na morte ao menos! Breve espaço occupa
O cadaver de um filho! E eu fui teu filho.
.....
E tu, mãi descaroavel, me engeitaste!

Ingrata ! Oh ! não te chamarei ingrata ;
Teu filho sou ! Meus ossos cobre ao menos ;
Terra de minha patria, abre-me o seio ! »

Ainda á mãi mais desnaturada deve o filho respeito e gratidão.

A natureza impõe deveres sagrados aos filhos. Scipião não cumpria seu dever de cidadão quando dizia á ingrata Roma: « Não possuirás meus ossos ! »

[5] *Nathercia* — Anagramma de Catharina, amada do poeta.

[6] *A gruta de Macáu.* « Em um monte, situado ao norte de Macáu (diz o Sr. Latino Coelho), encontra-se, talhada a meia altura, a gruta, que a tradição, desde seculos, sagrou á memoria de Camões. Demoram-lhe em redor os penhascos agrestes de granito nas phantasticas e caprichosas posições, em que os vemos na serra de Cintra, como si foram ossadas de gigantes, baralhadas e confundidas entre si, depois de uma peleja temerosa. Aqui e alli apparecem os rochedos arredondados e fundidos mostrando a sua branca desnudez. Pelas frinchas da penedia brota a vegetação, cujo verdor e viço estão como si uma ininterrupta primavera quizesse compôr e disfarçar a anarchia geologica das primitivas formações. Assombram-se e arrelvam-se as quebradas, e os pincaros se toucam e se enfeitam de sombrios e bastos arvoredos, onde as floras da Asia e as européas se estão mesclando e convivendo fraternaes. E' a gruta architectada pela engenhosa mão da natureza como de duas grandes muralhas de granito, que entre si guardam intervallo rasoado, servindo-lhe de sobre-céo, situada quasi de nivel, outra grande penedia. D'aquella altura que, segundo o testemunho ocular de bons apreciadores de paisagens naturaes, sobre-

excede em romantica belleza e em melancolicos encantos a poetica e saudosa Penha Verde, dilata-se a vista embevecida por largos e formosos horisontes. Alli anda na memoria popular que o poeta passava as horas de ocio, quando a poesia e a tristeza lhe pediam que deixasse os cuidados terrenos e prosaicos de arrecadar espolios e heranças e lhe lembravam que, si a miseria o afundira em tão baixo e ingrato officio, o levántara o genio ás glorias de cantor....

....Da estação — não sabemos si mui longa — do poeta na colonia recente de Macáu, sómente resta hoje a tradição e o simples, mas significativo monumento, com que, pela devoção de um benemerito portuguez, está hoje ennobrecida e exornada a gruta de Camões. Na entrada, que olha para o poente, está erigido um arco de alvenaria cerrado, até mais de meia altura, por um cancello de madeira, cujas grades se rematam em ferros de lança. Está o arco situado entre duas pilastras, que supportam um gracioso entablamento de ordem dorica. Por sobre a archivolta veem-se figurados os tributos allusivos a quem com jactancia nobilissima cantou de si:

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás musas dada.

Na architrave estão em linha horisontal, gravados em relevo e pintados de negro, tres caracteres chins, cuja versão é — O doutor (ou o sabio) por excellencia.

Nas duas pilastras, que decoram a fachada, está insculpida em honra de Camões uma inscripção, que diz, traduzida em portuguez:

— O talento e o coração o fizeram superior aos homens.
Os sabios o honraram e a inveja o conduzio á desgraça.
Os seus divinos versos andam espargidos por todo o mundo.

Este monumento se erigio para levar aos vindouros a sua memoria.—

Nas bases das pilastras está inscripto o nome do cidadão Lourenço Marques, fundador benemerito d'aquelle singelo monumento, e o nome de quem deu a traça e o debuxo para sua execução. A abertura oriental da gruta de Camões é limitada por um arco sem epigraphes, nem decorações architectonicas.

No interior da gruta existe um pedestal de quatro faces, e nas duas correspondentes ás aberturas estão esculpidas e cobertas de tinta preta seis oitavas dos *Lusiadas*. Sobre o pedestal ergue-se o busto de Camões.»

(Latino Coelho, Camões, pags. 217 a 222.)

[7] *O pobre Jáu*. É o bom Antonio, que Camões trouxera comsigo da China, como escravo, e que confortava o poeta no seu doloroso horto de agonia. Para comprar-lhe carvão e alimentos pedia esmolas, em nome do autor dos *Lusiadas*. Falleceu antes de seu senhor, a quem idolatrava.

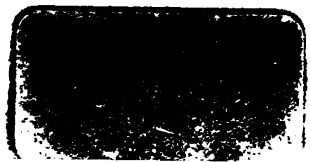
INDICE

	Pags.
Argumento do canto I	1
Canto I	3
Notas	9
Argumento do canto II	25
Canto II	27
Notas	31
Argumento do canto III	37
Canto III	39
Notas	47
Argumento do canto IV	63
Canto IV	65
Notas	71
Argumento do canto V	85
Canto V	87
Notas	91
Argumento do canto VI	97
Canto VI	99
Notas	109

Argumento do canto VII..... 117
Canto VII..... 119
Notas..... 123

Argumento do canto VIII..... 125
Canto VIII..... 127
Notas..... 137

Epilogo..... 145
Notas..... 151

20

U. C. BERKELEY LIBRARIES
C042592193